

“Para que tenhais a minha compreensão acerca deste Mistério”

(Efésios 3:4)

Eclesi' Astes

Boletim Trimestral

*Vocacionado para a Doutrina
e Devoção Espiritual*

Responsabilidade:

Igreja em Oleiros.

É gratuito.

Número 12 – B. 7-9/2001

Palavras do Pregador... Eclesiastes 1:1.

Suplemento do Número 12



IDEIAS GERAIS
SOBRE O
DISPENSACIONALISMO

Neste Número:	Neste Número:
◆ Editorial, pág. 2;	◆ Novas Correntes: "Os Ultra", pág. 40;
◆ História, pág. 4;	◆ As Últimas Tendências, pág. 41;
◆ Programas, pág. 8;	◆ "Dispensacionalismo Progressivo"
◆ Factores Indispensáveis, pág. 21;	◆ Anti-Dispensacionalismo, pág. 46;
◆ A Interpretação das Escrituras, pág. 23;	◆ Ultra-dispensacional. Prático, pág. 62;
◆ A Correntes Tradicionais, pág. 29;	◆ Posição Adoptada, pág. 67;

EDITORIAL

Dispensações!

Este termo tem assustado muitos crentes, não tanto pela verdade Bíblica que ele encerra, mas pelos efeitos que as dispensações reclamam dos membros da Igreja "Corpo de Cristo", ao nível dos conceitos teóricos e práticos, muitos deles contrários aos valores pessoais e eclesiásticos, que a generalidade da cristandade promove.

Propomo-nos, neste número, fazer algumas considerações gerais sobre a sua história, apresentar a diversidade das ideias que há sobre esta matéria, apreciar as diversas correntes dispensacionais, comentar alguns conceitos inerentes às Dispensações, e focar algumas opiniões sobre as posições recomendáveis a adoptar.

Por vezes pensa-se que a doutrina das Dispensações é uma doutrina recente, com origem nos Estados Unidos da América, na Inglaterra ou na Alemanha, e que não tem fundamento Bíblico. No entanto, constataremos que esta doutrina já era defendida pelos "Pais da Igreja", se bem que

abandonada posteriormente pela cristandade, face à degeneração da Igreja.

Na verdade foi muito recentemente que estes ensinamentos foram redescobertos, nomeadamente por Scofield e J. N. Darby, estudiosos das Escrituras Sagradas, e que viveram no último século. Só a partir de então é que se começou a compreender as verdades mais importantes da Igreja e que se encontravam adormecidas, como são os casos do arrebatamento da Igreja, a forma do culto, etc. Ou seja: se as verdades fundamentais foram perdidas pela generalidade da cristandade no percurso da história da Igreja, com especial relevo na Idade Média, a Reforma de Lutero veio restaurar alguns desses ensinamentos, como é o caso do ensino da “salvação pela fé”. Porém, também podemos dizer que Lutero não recuperou todas as verdades acerca da Igreja. Se Lutero vivesse hoje, e com as mesmas convicções, em pouco mais que o Plano de Salvação é que estaríamos de acordo com ele. A Reforma de Lutero não é mais que o início de uma grande reforma que a Cristandade precisava e que ainda não terminou. Há muitas verdades que a Igreja precisa de entender para se saber enquadrar no Plano de Deus, e que nós devemos conhecer em particular, para sabermos nos colocar no seu seio. Um desses ensinamentos é a Doutrina Dispensacional. A Reforma continua!

Recomendamos ao leitor uma atenção especial, já que este assunto é aliciante, em si, e é o único que nos poderá capacitar a ter uma compreensão clara sobre o Plano de Deus para a nossa vida.

O Senhor nos abençoe a todos.

DESENVOLVIMENTO DA DOUTRINA DAS DISPENSAÇÕES NA HISTÓRIA DA IGREJA

1. Período da Igreja Primitiva

90	Estêvão de Hemas, discípulo dos Doze Apóstolos "Vocês escaparão à Grande Tribulação por causa da vossa fé..." (Ele foi ensinado pelos Apóstolos e cria que a Igreja "Corpo de Cristo" não passará pela G. T.)
110	Papias, de Hierapolis (60-130) "Haverá um período de algumas centenas de anos, depois da ressurreição da morte, e o Reino de Deus e o Reino de Cristo será transformado numa forma material nesta mesma terra"
220	Tertuliano (150-220) Um Reino está prometido sobre a terra. No entanto, antes disso, haverá a ressurreição, e por mil anos viveremos na cidade de Jerusalém, divinamente construída".
373	Efraim da Síria (306-373) "Todos os santos e eleitos de Deus serão reunidos antes da Tribulação que está para vir, e serão levados pelo Senhor, a fim de que estes possam escapar a qualquer momento à confusão que irá assombrar o mundo, por causa dos seus pecados".
400	Santo Agostinho (354-450) "Deus, que sabe infinitamente mais que qualquer homem o que está previsto para muitos anos, Aquele que, independentemente do que der ou adicionar, privar ou revogar, aumentar ou diminuir, ordenando todos os eventos na Sua providência , nas partes componentes naquilo que

serão as Dispensações adoptadas para cada época sucessiva, e distingue os tempos e todas as Escrituras na harmonia consigo mesmo.
"Dividi as Dispensações e as Escrituras se tornarão claras".

2. Idade Média

1200 | Pedro Waldo (1137-1217)
O Movimento Waldense: eles eram crentes convictos na interpretação fiel das Escrituras Sagradas e esperavam pela vinda do Senhor. No Livro: «A Nobre Lição», um dos escritos de Pedro Waldo, mostrava precisamente a expectativa em relação ao Reino que há de vir.

3. Período da Reforma

1545 | O Reformista Hugh Lattimer (1485-1555)
"Poderá vir na minha velhice, ou no período dos meus filhos... Os santos poderão erguer-se para conhecerem Cristo no céu".

4. Período Puritano

1699 | Jonathan Edwards (1639-1716)
Obra de Dois volumes: «Uma história completa ou uma pesquisa de todas as Dispensações".

1720 | Isaac Watts (1674-1748)
"As Dispensações Públicas de Deus sobre os homens e a Sua Sagrada constituição, são a revelação dos avisos do Seu governo, nos vários períodos ou idades do mundo"

1723 | Increase Mather (1639-1723) e Cotton Mather (1663-1728), populares pregadores puritanos na América: "A crença fiel

- na segunda vinda do Senhor Jesus Cristo e a elevação e reino dos santos com Ele, será mil anos antes da ressurreição do resto dos mortos... (a ressurreição dos perdidos, para o julgamento no Grande Trono Branco). A doutrina do milénio é a verdadeira" (C.M.)
- 1742 Morgan Edwards (1722-1795), ensinador na faculdade da Ilha de Rhode "Os santos mortos serão ressuscitados e a sua vida mudada, quando Cristo surgir nos ares. Então ascenderemos às muitas mansões na casa do Pai".

5. Período do Dispensacionalismo Moderno

5.1 O Período do Estabelecimento

- 1850 J. N. Darby (1800-1882) e F. W. Grant (1834-1902)
- 1884 «A Vinda do Príncipe», de Sir Robert Anderson. Relata o sentido das 70 semanas de Daniel 9.
- 1890 Ultra ou Hiper Dispensacionalismo (1890-1940)
E. W. Bullinger

5.2 Período Clássico

- 1905 C. I. Scofield (1843-1921); Lewis Sperry Chafer (1871-1952)
- 1905 Dispensacionalismo Moderado
Cornelius R. Stam, J. C. O' Hair e Charles Baker
- 1909 Publicação da «Scofield Reference Bible» (1917). Dois milhões de cópias em 1943 e 1995, e em mais de 90 línguas.
- 1924 Evangelical Theological College, fundado por Lewis Sperry Chafer and W. H. Griffith Thomas. Foi a primeira escola com uma graduação dispensacional.

5.3 Período Confirmativo

- 1940 Dallas Theological Seminary/Grace Seminary, Winona Lake, IN (1940-1990)
Charles C. Ryrie, John Walvoord, Dwight Pentecost, Alva McClain
- 1950 Dispensacionalistas Europeus
Erich Sauer (Alemão), autor do Livro «De Eternidade a Eternidade».
René Pache (Suiço), autor do Livro «O Retorno de Cristo».
- 1958 Dwight Pentecost, publicou: «Coisas do Porvir». 750.000 cópias em 1997. O primeiro volume, sobre a Profecia, foi o mais exaustivo até então publicado (633 paginas).
- 1965 Charles Ryrie's, publicou «Dispensacionalismo Hoje». Versou sobre a defesa do Dispensacionalismo Clássico. A sua obra foi revista em 1997.
- 1969 Hal Lindsey's publicou «O Grande Planeta Terra». Dez milhões de cópias vendidas. É uma visão Dispensacional de estilo popular. Ultrapassou as vendas do «Peregrino» de Bunyan.
- 5.4 Período Progressivo**
- 1986 Dispensacionalismo Progressivo (1986-1999)
Darrell Bock, Robert Saucy, Craig Blaising
- 1991 É introduzido formalmente na Sociedade Evangélica de Teologia, o nome do «Dispensacionalismo Progressivo».

Programas

Os Programas de Deus Para o Homem ao Longo dos Tempos

I. INTRODUÇÃO

Diversas têm sido as tentativas de agrupar toda a história humana, sob o ponto de vista divino. Isto, porque, numa leitura superficial das Escrituras, imediatamente se constata que o tratamento de Deus para com o homem não foi sempre o mesmo, evoluindo, não com o progresso daquele, como alguns doutos parecem sugerir, mas, evoluindo de acordo com os seus próprios planos e propósitos.

Estes apontamentos desvendam-nos que o próprio Deus é que dividiu os tempos, cujos períodos estão suficiente e claramente revelados nas Escrituras, cabendo-nos, como seus discípulos e remidos, encontrar o Seu pensamento e aplicá-lo nesse quadro à nossa vida. Não somos nós que vamos dividir as Escrituras, mas, o próprio Deus é que o fez. A nossa responsabilidade limita-se a conhecer a Sua vontade e orientarmo-nos de acordo com ela.

Deus actuou com o homem por etapas... tendo cada etapa a sua própria matriz: um período ou época... um pacto... um programa... e, por fim, um juízo. Podemos dizer que essas etapas consistiram numa revelação progressiva até atingir a *“plenitude dos tempos”* (Efe.1:10), ou o complemento dos tempos, como é o significado dessa expressão, ou, ainda, *“o fim dos tempos”* (1Co.10:11).

Deus Dividiu os Tempos

“Procura apresentar-te a Deus, aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a Palavra da Verdade” (2Ti.2:15). Sublinho o *manejar bem a Palavra da Verdade* porque, o seu sentido é mesmo *“cortar a direito”*, como o alfaiate corta a fazenda, ou o pai da família corta o pão, ou, segundo outras aplicações da palavra grega *“orthotomeō”*, aquele que põe a mão no arado e corta a terra a direito.

Formas erradas de dividir os Tempos

Velho e Novo Testamento

Tradicionalmente se tem dividido as escrituras em Velho e Novo Testamento. Então se diz que, o Velho Testamento começa em Génesis capítulo Um, e o Novo Testamento em Mateus capítulo Um. No entanto, um testamento só tem validade e produz efeitos depois da morte do testador (Heb.9:16), facto que não é novo, mesmo nos sistemas jurídicos civilizados.

O Novo Testamento só teve início na Cruz

Face à figura jurídica apresentada e ao raciocínio onde o mesmo nos conduz, o Novo Testamento não poderia ter começado antes da Cruz, com a morte do Testador. E quem conhece as Escrituras, logo confirmará esse facto com o que o Espírito Santo revelou:

“E, por isso, é Mediador de um Novo Testamento, para que, intervindo a morte, para remissão das transgressões que havia debaixo do primeiro testamento, os chamados recebam a promessa da herança eterna. Porque, onde há testamento, necessário é que intervenha a morte do testador; porque um testamento tem força onde houve morte; ou terá ele algum valor enquanto o testador vive? (Heb.9:15-17).

E o Velho Testamento, quando é que começou?

“Agora, pois, se, diligentemente ouvirdes a minha voz, e guardardes o meu concerto, então sereis a minha propriedade peculiar...” (Exo.19:5), e, “Então disse: Eis que eu faço um concerto; farei diante de todo o teu povo maravilhas que nunca foram feitas em toda a terra...” (Exo.34:10)

Então, se o N.T. teve o seu início em Mateus 27, que período temos entre o capítulo Um ao Vinte e seis? É Velho, com certeza. E, se o Velho Testamento teve o seu início em Êxodo 12, como classificaremos Génesis e os primeiros capítulos de Êxodo?

Velho e Novo Testamento é, de facto, uma má e falsa divisão escriturística.

Tudo isto se explica pelo facto de ser uma divisão tradicional, influenciada pela Igreja Católica Romana. A reforma, diga-se, começou à alguns séculos, mas ainda não terminou. Muito há por fazer. Lutero, e o grupo que o acompanhou na reforma, se bem que foram conduzidos por Deus no que empreenderam, não dominaram todas as doutrinas da Igreja, entre as quais era a doutrina do arrebatamento. Podemos dizer que, com Lutero, a reforma simplesmente começou, sendo depois desenvolvida por outros homens de Deus, nomeadamente Scofield, Mackintosh, J.N.Darby, entre muitos outros, que foram descobrindo novas e grandes verdades inerentes à Igreja “Corpo de Cristo”. No entanto, muito há para aperfeiçoar, e muito há a percorrer para atingir a maturidade, a **estatura completa de Cristo** (Efe.4:12-13).

O Velho Testamento e o Novo Testamento foi prometido e celebrado com a nação de Israel.

“Mas, agora, alcançou ele ministério, tanto mais excelente, quanto é mediador dum melhor concerto, que está firmado em melhores promessas. Porque, se aquele primeiro fosse irrepreensível, nunca se teria buscado lugar para um segundo; porque, repreendendo-os, lhes diz: Eis que virão dias, diz o Senhor, em que, com a casa de Israel e com a casa de Judá, estabelecerei um novo concerto; não segundo o concerto que fiz com os seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egipto; como não permaneceram naquele meu concerto, eu para eles não atentei, diz o Senhor. Porque, este é o concerto que, depois daqueles dias, farei com a casa de Israel, diz o Senhor: Porei as minhas leis no seu entendimento, e em seu coração as escreverei; e eu lhes serei por Deus, e eles me serão por povo; e não ensinará cada um a seu próximo, nem a cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao Senhor; porque, todos me conhecerão, desde o menor até ao maior. Porque serei misericordioso com as suas iniquidades, e dos seus pecados e das suas prevaricações não me lembrarei mais. Dizendo, Novo Concerto, envelheceu o primeiro. Ora, o que foi tornado velho, e se envelhece, perto está de acabar” (Heb.8:6-13).

“*Deles são os concertos...*” (Rom.9:4).

E, se assim é, ou seja, se os concertos são celebrados só com a nação de Israel, perguntamos: e a presente “*plenitude dos gentios*” (Rom.11:25, 32; Efe.1:10; 3:1-10)? Não tem concerto nenhum? E os crentes que viveram antes na constituição da nação de Israel?

Reiteramos a ideia de que, Velho e Novo Testamento foi uma tentativa infeliz para dividir as Escrituras, e que tem sido adoptada pela generalidade da cristandade. Por essa mesma razão o caminho pelo qual têm enveredado não tem sido o mais bíblico ou o mais feliz, já que o erro se multiplica, e um erro conduz a múltiplos erros.

Outras formas de Dividir as Escrituras

Os Pactos

Um pacto é o mesmo que aliança, acordo solene, testamento ou concerto.

Os concertos de Deus com o homem não foram só dois: o Velho e o Novo Testamento. Estes foram os mais importantes, mas não os únicos.

Mas, mesmo pela sua importância extrema, nenhum um deles constituíram qualquer tipo de divisão escriturística. Representam, sim, a base de um determinado tratamento divino com o homem, num período concreto, dentro de um cômputo que visava o cumprimento de um plano mais genérico: **o terreno**.

As Épocas

Os gregos têm três palavras para definir o tempo: “*Aion*”, “*Kairos*” e “*Cronos*”. Elas aparecem no texto original grego 124 vezes a primeira, 88 vezes a segunda e 53 vezes a terceira.

“*Cronos*” é o tempo quantificável; é o espaço do tempo, os minutos possíveis, a duração conseqüente.

“*Kairos*” é o tempo, em termos de **oportunidade** que o tempo quantificável nos proporciona. Não é o tempo que temos num período de tempo, mas as oportunidades que esse período nos permite alcançar. É o

momento do tempo; não o quanto, mas o como do tempo. Um texto bíblico onde ocorre este termo e é exemplificativo deste sentido é João 7:6, onde lemos o Senhor dizer: **“o meu tempo ainda não chegou...”**.

“**Aion**” refere-se ao tempo não quantificável. Usualmente se refere a um período longo de tempo. É, por isso, entendido, na generalidade, por “**Épocas**” ou estações que marcaram um período longo de tempo. Vejamos alguns textos sagrados onde o termo é empregue: **“E, eis que eu estou convosco, todos os dias até à consumação do século (Aion)”** (Mat.28:20b; 13:39); e, **“O mistério que esteve oculto deste todos os séculos...”** (Col.1:26); e, ainda, **“Cristo... acima de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas, também, no vindouro”** (Efe.1:21). Por isso, este termo é traduzido ainda por **eternidade**, ou **“sempre”** em algumas passagens bíblicas.

Paulo dizia: **“Acerca dos tempos e das estações, não necessitais que nos escreva”** (1Te.5:1), quando se referia aos programas de Deus para o homem, nomeadamente ao Programa do Reino e ao Dia do Senhor para julgar e reinar.

Estes termos, e os textos bíblicos onde eles ocorrem, estabelecem uma regra que nos propomos descobrir: Deus tem dividido os tempos, chamando-lhe “**Épocas**”; Cada uma dessas “**Épocas**”, têm-se regulado por um programa específico que marca um relacionamento específico de Deus com o homem, com o objectivo de satisfazer um propósito concreto de Deus, e tendo sempre um fim comum: a sua glória.

Os Séculos

Este termo classifica os períodos do tempo humano em função do seu governo. É, por isso, uma forma política de dividir o tempo histórico do homem.

Assim, antes do dilúvio surgiu um período denominado de **“século antediluviano”** (Job. 22:15). Posteriormente, os tempos são dominados por um sistema social denominado o **“presente século”**, (Gal.1:4; Tit.2:12); É um período dominado pela imperialismo humano e mundano. Terá um fim, com a vinda do tempo do Senhor: **“o século vindouro”** (Mat.12:32; 13:39,40,49; Heb.6:5), quando o Senhor se imporá como o Rei dos reis e Senhor dos senhores. Será o **Dia do Senhor** que durará mil anos. De imediato se lhe seguirá o grande Dia de Deus, também chamado de **“Século dos Séculos”**, ou seja, a eternidade (Efe.2:7; Apo.1:6, 18;

4:9,10). Apelo, desde já, a atenção do leitor para a analogia entre o Dia de Cristo, o Dia do Senhor, e o Dia de Deus, que as Escrituras abordam exaustivamente, e sugiro a sua meditação.

Os Reinos:

Romanos 5:12-21 relata uma forma de divisão das Escrituras feita pelo próprio Apóstolo Paulo, e a distribui por quatro Reinos:

1 – O Reino da Morte: De Adão até Moisés (vers. 12-14, 17 e 21). O pecado era ignorado.

2 – O Reino da Lei: De Moisés a Cristo Glorificado (vers. 13, 20; 7:1-4; Gál. 3:21-24). Aqui o pecado é condenado.

3 – O Reino da Graça: De Cristo Glorificado ao Arrebatamento (vers. 15, 18 e 21). Aqui o pecado é superado pela Graça (pecador perdoado).

4 – O Reino da Justiça: O Reino Terreno Milenial e eternidade (vers. 17, 21). Aqui o pecado é dominado e posteriormente retirado.

Outros Tempos:

Relativamente ao “Presente Século”, poderíamos alongar-nos e dizer que, este se divide em vários períodos, também considerados mistérios:

“Mistério do Tempo dos Gentios” (Dan.2:18-47), que se refere à ascensão do poder político dos gentios, em detrimento de Israel, que ficou dominada por aqueles. Estes tempos continuarão até que **“os tempos dos gentios se completem”** (Luc.21:24). Começaram porque Israel não soube assumir a sua condição política no mundo, que consistia numa teocracia. Irá terminar com o Tempo de Israel, com a vinda do Senhor. Será o fim do dia do homem para dar início ao Dia do Senhor.

Depois surge um outro momento, também considerado como mistério: O **“Mistério do Reino dos Céus”** (Mat.13:11), e que consiste na ascensão Jurídica dos gentios, em detrimento do domínio que Israel deveria exercer, como cabeça das nações. Nesse inverso, Israel rejeitou o seu Messias e o programa que n’ Ele se incluía para eles. Esta é **“a plenitude dos gentios”** (Rom.11:25), ou seja, os gentios tem a predominância política e religiosa no mundo.

Por fim, temos o **“Mistério da Plenitude dos Tempos”** (Efe.1:9-10) e que se refere ao período de tempo em que Deus reunirá, em Cristo, todos, judeus e gentios, e todas as coisas, celestiais e terrenas. Isso tem sido apontado para o futuro, na eternidade, mas, poderemos ver uma retrospectiva nos tempos de presente Dispensação, pois, o seu programa, reflecte tudo isso. Paulo diz: **“Nós, para quem são chegados os fins dos tempos”** (1Co.10:11). Esta é, provavelmente, a última das épocas previstas por Deus, e para onde todas as demais apontavam. Nestes momentos, Israel tem perdido todo o predomínio espiritual, sendo levada à condição dos próprios gentios, afastados de Deus, e como tal, carecidos da Sua misericórdia (Rom.11:32).

Os Programas

Este termo é o mais adequado para se referir àquilo que comumentemente se chama de **“Dispensações”**. **“Programa”** refere-se à forma doutrinária que o Senhor se serve para pautar as suas atitudes para com o homem. Ou seja, cada Época tem o seu programa.

Este termo pode ser a tradução perfeita dum outro muito frequente na Escritura Sagrada: **“Vontade”**. **“Vontade”**, diga-se, mas no sentido de conselho e propósito, conforme os textos que apontamos de imediato: **“Descobrimo-nos o mistério da sua Vontade... Nele, digo, em quem, também, fomos feitos herança, conforme o propósito daquele que faz todas as coisas segundo o conselho da sua Vontade”** (Efe.1:5-11), e **“Para que agora, pela Igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus, segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus, nosso Senhor”** (Efe.3:10-11).

Esta Vontade deve ser entendida no seu conteúdo geral e global. Não é o querer específico e pontual. É a Vontade, em sentido de propósito. É o plano de Deus para um determinado período ou Época, segundo a qual o Senhor se propôs regular na sua actuação com o homem.

É claro que, essa Vontade global de Deus é que vai orientar-nos na vontade pontual, específica e concreta. Pois, se nós não conhecermos qual a vontade de Deus para o mundo, no seu quadro geral, como é que nos integramos nesse mesmo quadro? Para ilustrarmos esta ideia, podemos-

nos imaginar numa possível visita à Arca de Noé: só depois de entrarmos na arca é que tomaríamos conhecimento dos compartimentos e dos seus andares. Assim, e pela sua ordem, primeiramente deveremos ter o conhecimento da vontade global de Deus, e, então, estaremos aptos para conhecer qual a Sua vontade em concreto.

Para melhor nos elucidar poderíamos dar o seguinte exemplo bíblico: só depois de sabermos que o plano de Deus para a presente época é espiritual, compreenderemos que, em concreto, a carne de porco, não nos contamina cerimonialmente, como sob o regime da Lei e no período do Reino fazia.

Estes factos são importantes porque nos conduzem ao primeiro texto citado deste estudo: *“dividir bem a Palavra da Verdade”*. Isto é que nos torna obreiros idóneos e aptos no serviço do Senhor. Se não o fizermos devidamente, corremos o risco de confundir o propósito que Deus delineou para nós e adoptamos programas que não nos dizem respeito e definhamos naquilo que presumimos ser para nós e não é.

Dispensações

Ora, **“Dispensações”**, é uma palavra usual nas nossas versões bíblicas, que é uma tradução do termo composto **“Oikonomeö”**. **“Oikonomeö”** é a raiz da palavra portuguesa **“economia”**, e o seu significado no grego é **“Lei da Casa”**.

Sem querer ser dogmático diria que, a revelação divina escrita aponta-nos para duas únicas dispensações, ou leis universais: **A Revelada** e a **Oculto**. Por outras palavras: as duas grandes leis bíblicas para o homem assentam em dois sistemas distintos: um, **o revelado**, faz parte da revelação de Deus para o homem desde o seu princípio. O outro, **o oculto**, faz parte da revelação de Deus para o homem, mas conservada oculta desde a eternidade, até ser notificada em tempo oportuno, para a Igreja da Graça. Assim, as dispensações de Deus para o homem são duas: a **Profecia** e o **Mistério**.

“Oikos”, casa, é o *habitat* humano. Não são quatro paredes e um tecto. Casa, aqui, é mais o sentido de família (Gen.7:1; Act.2:36), ou mesmo a

morada da raça humana. A **Dispensação** é a lei de Deus para a família humana. E, elas, ao longo da sua história, foram duas: uma, a **Profecia**, foi revelada desde a fundação do mundo (Luc.1:70; Mat.25:34; Luc.11:50; Heb.4:3; Apo.13:8; 17:8); a outra, o **Mistério** (ou segredo), é o programa que esteve oculto em Deus, desde antes da fundação do mundo (Joa.17:24; Efe.1:4; 1Pe.1:20; Tit.1:1-4; Col.1:24-27; Efe.3:1-11).

A forma mais correcta de dividir as Escrituras é **PROFECIA** e **MISTÉRIO**.

É costume dizer-se que as Escrituras são como uma grande casa, cuja chave se encontra na porta. E, a porta das Escrituras é Génesis 1:1, “**No princípio Deus criou os céus e a terra...**”. Esta chave, ou o entendimento pleno deste versículo, é que abre a compreensão das Escrituras.

Entendemos deste texto sagrado que, mais do que pretender dizer que Deus criou o céu e a terra, pressupõe, pela leitura das demais escrituras, que Deus tem um plano para a **terra**, que lhe chamamos de **Profecia**, por ser esse o tema de toda a profecia, e, um outro plano para o **céu**, e que o próprio Senhor lhe chama de **Mistério**, já que, sobre o qual, nunca houve qualquer revelação prévia.

Em resumo, e fazendo a construção dos termos bíblicos examinados, concluímos o seguinte: Quanto ao tempo, temos as **épocas** ou os períodos; quanto ao ensino ou orientações: **programas**. quanto à forma de governo: **séculos**; quanto ao plano global: **Dispensações**; e, quanto à forma de iniciar: **Pactos**.

Etapas da Profecia

A dispensação da **Profecia** atravessou várias etapas, que lhes chamamos de **Épocas**, que, por sua vez foi regulada por um **programa** específico e em cumprimento de um **pacto** estabelecido entre Deus e o homem, e do qual resulta sempre um **signal** que funciona como testemunho desse mesmo concerto ou aliança. Como em cada etapa o homem mostrou fraqueza e pecado, elas terminam sempre com um **Juízo** de Deus.

Outros conceitos:

Princípios...

Há princípios bíblicos que não estão afectos a uma única Dispensação, ou a um único período, e, por isso, não podem ser confundidos com as doutrinas específicas ou os programas de cada período em concreto. Um princípio, por exemplo, será a mensagem de Deus para o homem, que é chamada sempre de **Evangelho**, ou boa nova. Não quer dizer que sempre que aparece a palavra Evangelho se refere sempre ao mesmo assunto, ou somente à salvação do homem. As Palavras de Deus a Abraão: *“Todas as nações serão benditas em ti”* (Gál.3:8), é chamado de Evangelho, e nada tem a ver com o Evangelho que nos é hoje pregado. Paulo quando escreve aos Romanos diz-lhes que *“Ihes quer anunciar o Evangelho”* (Rom.1:15). Sendo eles já crentes, o que seria que ele lhes iria anunciar, senão todo o conselho de Deus (Act.20:24,27)? No entanto, a descompreensão deste tipo de princípios tem conduzido muitos crentes sinceros a inúmeras confusões e à descompreensão das grandes verdades divinas para os nossos dias.

Digo isto, porque muitos ensinadores das Escrituras ensinam que não há diferença nos Períodos ou nos seus programas, pois vêem princípios que se repetem. Mas, o facto de os princípios se repetirem por várias Épocas, não quer dizer que o Programa ou o ensino que sustenta esses períodos seja o mesmo.

Outros princípios e conceitos poderiam ser apontados, nomeadamente na Justiça Divina, a graça, a fé, o amor, entre outros, que são comuns a todas as Dispensações e períodos. Vemos, desde já, que estas questões não são tão superficiais e insignificantes como parecem. São complexas e requerem de nós um aprofundamento e investigação cuidada e intensiva, que proponho ao leitor acompanhar.

O Reino de Deus...

Este é outro conceito bastante descompreendido, mormente quando se confunde com o Reino dos Céus. É que, podemos estar diante do Reino de Deus, no quadro do Reino dos Céus, e podemos estar no Reino de Deus, mas no quadro do Reino da Graça.

Ou seja, quando as Escrituras Sagradas se referem ao Reino de Deus, entende o Domínio que Deus tem em todas as Dispensações, em todos os momentos, em todos os locais do universo, e a todas as pessoas e criaturas no mesmo. É o Senhorio universal e total de Deus.

Reino dos Céus refere-se a um lapso de tempo, a um momento concreto dentro do Reino de Deus, e sempre se refere ao Reino celestial que Deus vai estabelecer no Milénio, com a presença do Messias, e perfeitamente demonstrado com a *“Nova Jerusalém que de Deus descia do céu...”* (Apo.21:2).

Quando lemos que João Baptista, primeiramente, e posteriormente o Senhor Jesus Cristo e os doze apóstolos, pregavam o Reino dos Céus, compreendemos que eles pregavam o Reino de Deus, pois o Reino dos Céus consistia no Domínio visível de Deus sobre a terra, na pessoa do seu Filho Jesus Cristo. Abraão, Moisés, David, e todos os patriarcas do chamado Velho Testamento estavam no Reino de Deus, mas não estavam a viver o reino dos Céus, uma vez que ele ainda não tinha sido estabelecido. Eles esperavam-no.

O Reino dos Céus, porque consiste em concreto a um período dentro do Reino de Deus, era comida e bebida, entre muitas mais coisas, pois estava sujeita à Lei Mosaica, já que era o cumprimento de todas as profecias e promessas dirigidas ao Povo Hebraico.

Mas, a Igreja “Corpo de Cristo”, a Igreja da presente Dispensação, também se encontra debaixo do Domínio de Deus, pertencendo, por isso, ao Reino de Deus. No entanto, e porque é espiritual, diz Paulo, que neste período dispensacional o *“Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo”* (Rom.14:17). Ele mesmo pregava o Reino de Deus (Act. 28:23; Gál. 5:21; Col. 1:13), mas certamente neste quadro e perspectiva. Não poderia ser de outra maneira.

A descompreensão deste conceito tem conduzido, igualmente, muitos outros crentes fiéis a erros graves, pois, presumem que a mensagem do Reino de Deus que era pregada nos Evangelhos era a mesmo que o apóstolo Paulo pregava entre os gentios. Mas não. Nunca poderia ser, uma vez que, numa mensagem temos o cumprimento das profecias, ainda no quadro do Velho Testamento, e em Paulo, vemo-lo pregar o Reino de Deus no contexto da Dispensação da Graça, com uma mensagem de natureza espiritual, e dirigida aos gentios. Os próprios apóstolos reconhecem isso e delimitam a sua mensagem da mensagem de Paulo; como é que há crentes que, ainda hoje, não entendem isso? (Gál.2:6-14; II Ped. 3:14-16). Chegamos, sim, à triste conclusão de que não somos melhores que a nação de Israel: *“homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e ouvido”*,

que, e independentemente do conhecimento que temos das Escrituras, como eles tinham, custa-nos sempre estudar a verdade com verdade, e fica-nos caro aceitá-la com a autoridade e transparência que Ihe são próprias.

Igreja...

“**Igreja**”, é uma palavra que aparece nas Escrituras cerca de 114 vezes, sendo a tradução do termo grego “**ekklēsia**”, sendo o seu significado o “*chamar ou convocar para fora, em assembleia*”.

Alguns ensinadores bíblicos afirmam que há só uma igreja! Outros, ainda, dizem que há duas: a do Reino e a da Graça! E qual é a do Reino? E qual é a da Graça? Outros, ainda, conhecidos como os Ultra-dispensacionalistas, ensinam que há três, descortinando a existência de uma Igreja antes de Actos 28 – a Igreja da Transição – e que a Igreja “Corpo de Cristo” só nasceu depois de Actos 28. Estas são algumas questões que se têm levantado e que espelham bem a confusão que há no meio da cristandade, resultado da falta de estudo das Escrituras, ou de uma cuidada investigação dos termos propostos.

Será que sempre que aparece a palavra Igreja se refere à mesma igreja? Será ela a Igreja da presente Dispensação?

Não, certamente. Estêvão, em Actos 7:38, referindo-se a Israel no deserto, diz que o Senhor Jesus Cristo é o que esteve entre a “**Igreja no deserto**” (gr. “**ekklēsia**”).

Lucas, em Actos 19:32, 39 e 40, relatando a multidão que em Éfeso rodeou Paulo e os discípulos que o acompanhavam, para os matar, chamalhes de Igreja (gr. “**ekklēsia**”).

“Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela... e eu te darei as chaves do reino dos céus...” (Mat.16:18-19). Esta é outra Igreja, que nada tem a ver com as anteriores. Refere-se à Igreja Messiânica de que Pedro era o líder, e era composta por crentes pertencentes ao povo de Israel, ou prosélitos convertidos à mensagem de Deus para eles. Este Programa estará em grande plano na grande tribulação e no Milénio. Esta Igreja será composta no futuro pelo remanescente de Israel, e por isso, chamados para fora do mundo e mesmo da nação física, pois está escrito: *“Nem todo o que é de Israel é Israelita”* (Rom.9:6), e *“ainda que o número dos filhos de Israel*

seja como a areia do mar, o remanescente é que será salvo” (Idem, 9:27). Esta é que é a Igreja Profética, ou profetizada no Antigo Testamento (Salmo 118:22).

“E sujeitou todas as coisas aos seus pés, e sobre todas as coisas O constituiu por cabeça da Igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos” (Efe.1:22-23); *“E na minha carne cumpro o resto das aflições de Cristo, pelo seu corpo, que é a Igreja, da qual eu estou feito ministro, segundo a Dispensação de Deus... o Mistério que esteve oculto desde todos os séculos...”* (Col.1:24-27).

Esta é a Igreja identificada como “O Corpo de Cristo”, para a diferenciar das outras Igrejas. É a Igreja da presente dispensação. Confundir as igrejas é confundir todo o ensino Bíblico, pois ele (nessa linha de interpretação) se contradirá. E só recorrendo a métodos menos credíveis e fidedignos de hermenêutica Bíblica (interpretação) é que poderão revestir artificialmente a presumível construção doutrinária da Igreja. Esse será o primeiro passo para admitir e adoptar para a Igreja os ensinamentos carismáticos, mosaicos, e demais doutrinas que faziam parte do regime para outras igrejas. Enfim, será um labirinto sem saída, uma construção sem fundamentos, um Evangelho sem boa nova, por uma deficiência humana, mas que o Espírito Santo resolve com a forma que Ele mesmo determinou: **dividindo as escrituras.**

Apelo Encorajador...

É possível que, até ao momento, pareça que muito fica por esclarecer. É normal que, depois do que foi lido, com os conceitos novos que foram apresentados, algum receio se levante em os aprofundar. Mesmo assim, apelo à coragem do leitor para continuar a sua leitura e a concluí-la; a reler o artigo, tantas vezes quantas as necessárias, pois estou certo que, por fim, com humildade e com o conhecimento que o Senhor nos deu das Escrituras, Ele mesmo nos conduzirá à compreensão dos seus ensinamentos reais e gloriosos, e aos sublimes efeitos que os mesmos nos trarão.

VPP

In “Programas”

Factores Indispensáveis

Três factores são indispensáveis na Doutrina Dispensacional. E esses factores fazem uma clara distinção entre essa doutrina da Doutrina Convencional. Entretanto, importa dizer desde já que, qualquer que seja a visão das Escrituras que não contenha estas três acepções doutrinárias não é dispensacional, na sua verdadeira acepção da palavra.

O primeiro factor é o reconhecimento da distinção entre a nação de Israel e a Igreja. A Doutrina Convencional (baseada nos concertos) acredita que a Igreja existiu no tempo do Velho Testamento e Israel era uma parte principal da Igreja nesse período. Assim é convencionado que Israel e a Igreja são essencialmente o mesmo.

Contrariamente, a Doutrina Dispensacional acredita que Israel e a Igreja são entidades distintas. É comumente aceite que embora ambos tiveram relações especiais com Deus, eles não são essencialmente o mesmo.

O segundo factor indispensável é o uso consistente de uma única hermenêutica (o único método de interpretar a Bíblia) – isto é, o método histórico-gramatical. Neste método, as palavras são determinadas pelo uso comum, no seu significado ordinário, e o seu sentido é o que tiveram na cultura e no tempo no qual a passagem foi escrita. A Doutrina Convencional emprega uma hermenêutica dupla: o método histórico-gramatical para muitas passagens, mas também o alegórico, ou espiritualista, utilizado para várias passagens proféticas que lidam com o futuro de Israel e o Reino futuro de Deus, para as aplicar à Igreja "Corpo de Cristo", indevidamente.

De forma contrária, a Doutrina Dispensacional crê que o método histórico-gramatical deve ser aplicado a toda a Escritura, incluindo às passagens proféticas relacionadas com Israel e com o Reino de Deus.

O terceiro indispensável é o reconhecimento de que o último propósito da história é a glória de Deus pela demonstração de que só Ele é o Deus soberano. Para os defensores de Doutrina Convencional o último propósito da história é a glória de Deus pela redenção dos eleitos. De forma contrária, a Doutrina Dispensacional reconhece que a redenção do ser humano é uma parte muito importante do propósito de Deus para história, mas não o único, nem o mais importante, antes, uma parte desse propósito.

No decurso da história, Deus tem tido com o homem muitos outros tratamentos, além do da sua redenção. E, de facto, todos esses tratamentos têm de contribuir em algo que vise o último propósito da história. E esse é suficientemente grande de forma a incorporar todos os programas e relacionamentos diversos de Deus com o homem.

A Doutrina Dispensacional considera que O FIM ÚLTIMO da história é a glória de Deus, conseguida pela demonstração de que só Ele é o Deus soberano, facto que perfeitamente se identifica nas Escrituras Sagradas, contribuindo elas mesmas para isso, também.

As sucessivas Dispensações glorificam a Deus nos seus vários modos. Primeiro, elas demonstram que Aquele Deus é a Regra suprema da história, apesar da tentativa de Satanás para subverter essa regra e a rebelião de homem alinhar nesse sentido também. O facto de Deus poder responsabilizar o homem para obedecer aos diferentes modos de Deus tratar com ele e no uso da Sua regra ao longo de história, e poder julgar o homem pelos fracassos nessa obediência, demonstra que Deus é soberano na história.

As Escrituras repetidamente associam a glória de Deus à regra da Sua soberania. Segundo, as Dispensações mostram como desesperadamente o homem precisa submeter-se à regra de Deus para desfrutar das Suas bênçãos. A desordem e tragédia são o resultado da rejeição à regra de Deus. Terceiro, as Dispensações orientam-se na história progressivamente até à realização do seu clímax: a glória de Deus – o clímax intencional (Efe. 1:6, 12, 14).

Na Dispensação final – “a plenitude dos tempos” (Efe. 1:9-10), Deus se glorificará completamente, esmagando o Satanás e o seu reino (Apo. 20:1), restabelecendo a própria regra do Reino Milenial a implantar na terra por Cristo (Apo. 11:15), e invertendo as consequências trágicas da rebelião do homem (Actos 3:19).

Renald Showers

In “Realmente é uma Diferença” – Belmawr, NJ.

A INTERPRETAÇÃO DAS ESCRITURAS

“Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação.” (II Ped. 1:20)

“Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus. Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus. As quais também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina, comparando as coisas espirituais com as espirituais. Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus.” (I Cor. 2:11-14).

“As coisas encobertas pertencem ao SENHOR nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei.” (Deu. 29:29)

As Escrituras Sagradas são a única revelação de Deus para o homem hoje.

É certo que «havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho.» (Heb. 1:1).

A Palavra de Deus é desde a Eternidade (Salmo 138:2). Primeiramente, na Pessoa do Filho: a Revelação Viva (Joa. 1:1-2; I Joa. 1:1-3), depois a Palavra de Deus se revelou na Criação: a Revelação Natural (Sal. 19:1-6; Rom. 1:19-20). Posteriormente Deus se revelou oralmente, através dos concertos celebrados com os Pais, e aí temos a “Revelação Oral” (Gál. 3:8, 22, 30). Ainda,

Deus se revelou ao homem por forma escrita, pelos profetas, sendo Moisés o seu primeiro instrumento; é a Revelação Material (Exo. 20 e seg.). Esta forma escrita de Deus se revelar ao homem é a que subsiste nos dias de hoje, e encontra-se completa (Apo. 22:18-19).

Nesta revelação escrita devemos salientar alguns pontos fundamentais:

1. Nesta revelação há aspectos que estão ocultos ao homem. E esses, só a Deus pertence conhecer na sua forma íntegra, já que o seu sentido nos está vedado. Por essa razão, e quando estivermos a ler as Escrituras, se formos deparados com algum texto dessa natureza, não devemos fazer doutrina com a sua especulação.

2. O homem natural não entende as coisas do Espírito de Deus. Ou seja, o homem que não «nasceu de novo», não tem capacidade espiritual para compreender a Deus. Mesmo relativamente ao Plano da Salvação, este precisa da intervenção do Espírito de Deus (Joa. 1:12-13; 15:7-8).

3. Nenhuma Escritura é de particular interpretação. Esta afirmação pode ter dois sentidos: num, o apóstolo quer dizer que não podemos entender as Escrituras a nosso bel-prazer. A interpretação da Escritura não é entendida da forma individual e em resposta aos nossos interesses pessoais; noutro sentido, poderá ainda dizer o apóstolo que a Escritura não deve ser entendida de forma isolada, mas como um todo, uma unidade intrínseca e indissociável.

4. O verdadeiro sentido da Escritura só é desvendado pelo seu próprio Autor: O Espírito Santo. Isto é: **«qual dos homens sabe as coisas do homem, senão pelo espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão pelo Espírito de Deus.»** E o Espírito Santo no-lo revela pelo própria Escritura, quando comparamos texto com texto.

5. «Toda a Escritura é proveitosa», diz Paulo a Timóteo (II, 3:16). O que significa que não há parte alguma da Escritura que devemos rejeitar ou desvalorizar. A Escritura, como já o dissemos, é uma unidade intrínseca.

6. Mas Pedro ensina-nos a dividir as Escrituras em duas partes principais: «todas as epístolas de Paulo» e as «demais

Escrituras» (II Ped. 3:15-16), já que uma diz respeito à Revelação do Mistério, com referência à Igreja “Corpo de Cristo” – as Epístolas de Paulo. As «demais Escrituras» é a «Palavra dos Profetas» (II Ped. 1:19) que ele tinha mui firme, quanto ao seu cumprimento, mesmo que tardiamente por causa da «Dispensação da Longanimidade de Deus» de que Paulo foi feito dispenseiro, ou mordomo (Idem, 3:9-12).

7. Por esse facto, o apóstolo Paulo recomenda a Timóteo a «dividir a Palavra da Verdade» (assim lit. o grego), como «obreiro aprovado» (II Tim. 2:15), de forma a interpretar a Escritura no que nos diz directamente respeito (as Epístolas de Paulo), e a aplicar às nossas vidas aquilo que não nos diz directamente respeito, mas que tem muito ensino proveitoso (a Profecia). Razão por que Paulo diz: «Não desprezeis as profecias» (II Tes. 5:20-21)

Depois de termos estas ligeiras noções da compreensão da Escritura, importa darmos alguma atenção ao tratamento que as Escrituras Sagradas têm na cristandade.

É certo que a cristandade está dividida; e essa divisão resulta da interpretação das Escrituras. Alguns se arrogam deter a melhor das interpretações, recusando qualquer recomendação, contrariando o esforço que muitos homens de Deus têm dedicado da sua vida ao estudo da Divina Palavra, e recusando-se a crescer no “conhecimento de Deus”, com a presunção de acharem que sabem tudo.

Se é certo que a Revelação está selada, a sua compreensão está longe disso. Nós nada sabemos das Escrituras e precisamos de clamar a Deus de forma humilde pela Sua sabedoria, para melhor a entendermos.

Não poderei continuar estas considerações sem manifestar o meu desapontamento por ver a falta de formação espiritual que há na generalidade dos crentes. É um facto que isso deve-se à escassez dos ensinadores das Escrituras; e os que os há, menos são os que dão valor a essa gloriosa actividade; e quando o fazem, poucos ainda são os que criam “sede” nos ouvintes para aspirar mais deste manancial. Que tremenda responsabilidade têm os ensinadores das Escrituras!

É na “interpretação das Escrituras” que a cristandade mais se divide hoje. E essa deficiente interpretação das Escrituras fazem com que as suas organizações, as suas seitas e as suas doutrinas não passam de obras e de pensamentos humanos. Por sua vez, os líderes da cristandade ignoram a Escritura que diz: **“Aquilo que Deus ajuntou, não separe o homem”** (Mat. 19:9 c/ Efe. 5:22-32).

O apóstolo Paulo já tinha avisado Timóteo e outros bispos desses factos que ocorreriam nos últimos dias:

«Porque eu sei isto que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não pouparão ao rebanho; E que de entre vós mesmos se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si. Portanto, vigiai...» (Act. 20:29-31);

«Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demónios...» (I Tim. 4:1);

«Porque virá tempo em que não suportarão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências; E desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas.» (II Tim. 4:3-4).

Por outro lado e não menos desapontante é o facto de que, quando falamos, escrevamos ou tratamos destes assuntos dispensacionais, eles não deixam de provocar alarme e de causarem inquietação em muitos líderes cristãos. Será por causarem divisão, ou por esses não quererem conhecer a verdade? Temerão o custo? Aconselho a todo aquele que tem a responsabilidade de Deus sobre o Seu povo, ao amante do estudo das Escrituras, a não questionar, comentar ou menosprezar estes assuntos sem antes os ter investigado com oração e humildade.

É importante ter a noção de que Deus não deu a prerrogativa da interpretação da Sua Palavra aos teólogos. As Escrituras falam por si. É o uso das suas palavras que dá o seu próprio sentido, e não o intérprete. Mas a cristandade, para defender as suas tendências religiosas, procura os métodos de

interpretação que lhe é mais favorável e conveniente. Outros chegam mesmo a fazer versões das Escrituras tendenciosas, desvirtuando o seu sentido original, para apoiar as suas doutrinas sectárias. E, nesse domínio, a cristandade ainda comete maior erro quando espiritualiza as Escrituras: este é o método que mais usualmente é adoptado por ela na defesa das suas correntes religiosas.

A espiritualização das Escrituras. Não esqueçamos que a espiritualização duma passagem Bíblica pode ter mais de mil interpretações, consoante o intérprete "tencionar"! E isto tem dividido os Protestantes dos Católicos, os Russelitas dos Adventistas, os Baptistas dos Pentecostais, os Modernistas dos Fundamentalistas, entre tantos outros grupos denominacionais que compõe a cristandade do século XX.

Com isto afirmo que a espiritualização de uma passagem, por vezes, não revela mais que uma carnal interpretação. É verdadeiramente diabólico o recorrer à espiritualidade de uma passagem para lhes dar o seu sentido literal.

Não nego o facto de que poderá haver diferentes métodos de investigação das Escrituras, pois Paulo ao escrever aos Gálatas usa quatro formas para a sua compreensão: nos capítulos I-II ele usa o método histórico e biográfico. Neste tipo de interpretação podemos chegar a uma compreensão biográfica, local e pessoal do texto. Nos capítulos III-IV:20 encontrámos o método teológico. Neste método podemos ter um entendimento profético e dispensacional. É o método literal que investiga os ensinamentos e doutrinas das Escrituras. No capítulo IV:21-31 é saliente o método alegórico, onde o apóstolo usa personagens e factos do Velho Testamento e dá-lhe um valor simbólico para tirar lições espirituais e as aplicar à sua vida espiritual, sem lhes retirar o seu sentido primordial, que é o sentido histórico. Por fim, nos derradeiros capítulos V-VI, encontramos o método devocional ou prático, em que cada frase, e cada pensamento visa o testemunho e a conduta cristã.

Isto não anula o facto de que cada passagem, e cada assunto deva ser encarado literalmente. Esse é o verdadeiro sentido das Escrituras. Neste grupo exceptua-se o Apocalipse e

algumas outras passagens proféticas do Velho Testamento, as quais devem ser compreendidas simbolicamente. Deus, porém, não nos deu o seu significado, pois está reservado para os tempos do fim (Dan. 12:9). Serão, sem dúvida, trabalho para os profetas da Grande Tribulação. Nós, mesmo assim, podemos ter uma noção do seu prévio sentido quando lemos outras passagens das Escrituras referentes ao assunto.

Resta-me orar assim: **«que o vosso amor abunde mais e mais em ciência e em todo o conhecimento, para que aproveis as coisas excelentes, para que sejais sinceros, e sem escândalo algum até ao dia de Cristo; cheios de fruto de justiça, e que são por Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus" (Fil. 1:9-11).**

VPP

In “Épocas”

CORRENTES TRADICIONAIS

Distinguindo Coisas Que Diferem

Deus nunca muda, mas os seus métodos variam. Ele trabalha de modos diferentes em momentos diferentes. Nós, por vezes, falamos do modo como Deus administra os seus negócios para com o homem, durante uma Era particular, como é o caso de uma Dispensação. Tecnicamente, uma Dispensação não significa uma Idade ou período de tempo, mas mais uma administração, uma ordem ou uma economia. Então, nós pensamos numa Dispensação como um modo no qual Deus trata com os homens durante um período particular de história. C. I. Scofield, editor da “Bíblia com as Referências de Scofield”, lista sete Dispensações, que passamos a discriminar: Inocência, Consciência, Governo Humano, Promessa, Lei, Igreja e Reino.

Embora não seja importante concordar nos detalhes exactos de cada uma delas, é bastante importante saber que há diferentes Dispensações. A distinção entre lei e graça é especialmente importante. Caso contrário nós aplicaremos à nossa vida porções das Escrituras que se referem a outros tempos e a outras pessoas.

Enquanto que «*toda a Escritura é proveitosa*» (II Tim. 3:16), nem toda Ela foi escrita directamente para nós. Passagens que se relacionam com outras Idades têm aplicações benéficas para nós, mas a sua interpretação primária é para a Época para a qual foi escrita.

Por exemplo, foi proibido aos judeus viviam debaixo da Lei comer carne de qualquer animal impuro, ou seja, um que não tivesse a unha fendida e ruminasse (Lev. 11:3). Esta proibição não está incluída na conduta cristã hoje (Rom. 14; I Cor. 4). No entanto, destes textos podemos tirar preciosas lições espirituais e devocionais.

Deus prometeu ao povo de Israel que, se eles O obedecessem, Ele os faria materialmente prósperos (Deut. 28:1). A ênfase estava então nas bênçãos materiais em lugares terrestres. Mas isto não é verdade hoje. Deus não promete que recompensará a nossa obediência com prosperidade financeira. Pelo contrário, as bênçãos desta Dispensação são bênçãos espirituais nos lugares celestiais (Efe. 1:3).

Enquanto que há diferenças entre as várias Dispensações, há uma coisa que nunca muda, e isso é o evangelho, a Boa Nova de Deus, a Sua salvação. A Salvação sempre foi, é, e sempre será pela fé no Senhor. E a base de salvação para todas as Épocas é a Obra consumada do Senhor Jesus Cristo na cruz de Calvário. As pessoas no Testamento Velho foram salvas crendo em Deus quando disse que a semente de Abraão seria tão numerosa quanto as estrelas (Gen. 15:5). Abraão não soube muito, ou mesmo nada, sobre o que ia acontecer séculos mais tarde no Calvário. Mas Deus sabia. E quando Abraão creu no Senhor, Deus pôs na conta de Abraão todo o valor da Obra futura de Cristo no Calvário. Ele foi justificado não por ter crido na morte de Cristo para sua salvação, mas na Palavra de Deus, relativamente à sua descendência (Gál. 3:8-9). Alguém disse que os santos do Antigo Testamento eram salvas “a crédito”, ou seja, eles foram salvos com base no preço que o Senhor Jesus pagaria muitos anos depois (este é o significado Romanos 3:25). Nós somos salvos com base na Obra que Cristo realizou há quase 2.000 anos atrás. Mas, em ambos os casos a salvação é pela fé no Senhor.

Nós temos que nos guardar contra a ideia de que as pessoas na Dispensação da Lei eram salvas com a observância da lei ou até mesmo oferecendo sacrifícios de animais. A lei só podia condenar; não podia salvar (Rom. 3:20). E o sangue de touros e bodes não podiam tirar um único pecado (Heb. 10:4). Não! O modo de salvação de Deus é a fé e só pela fé! (Rom. 5:1).

Outro ponto que importa lembrar é o seguinte: quando nós falamos da presente Dispensação, como sendo a Idade da Graça, não implica dizer com isso que Deus não era gracioso nas Dispensações passadas. Significa, simplesmente, que Deus está trabalhando com o homem agora debaixo de graça, como outrora o fazia com a lei. Deus, hoje, não só salva pela graça, mas a graça está à disposição do homem como regra de vida (Tito 2:11-13). De forma que, se a lei, antes, era uma regra de vida, segundo a qual o

homem seria abençoado, de acordo com a sua observância (Gál. 3:12), hoje o princípio aplica-se ao crente da Igreja “Corpo de Cristo”, pois, na medida em que ele se apropria da Graça de Deus, participa das bênçãos espirituais (Efe. 1:3-8).

Também é importante perceber que as Dispensações não terminam instantaneamente. Não há ruptura. Frequentemente há um período sobreposto sobre o outro, a que se chama período de transição. E podemos ver isso perfeitamente no Livro dos Actos dos Apóstolos.

Compreendemos neste período de transição como a igreja “Corpo de Cristo” levou algum tempo para se livrar de algumas das formalidades da Dispensação anterior. (Provavelmente alguns sectores da Igreja nunca tenham deixado alguns desses formalismos, adoptando-os como sagrados e pertencentes ao Plano de Deus para hoje – Nota do Tradutor). E é possível que haverá um período de tempo entre o arrebatamento e a Grande Tribulação durante o qual o Homem de Pecado será manifestado e o Templo seja erguido em Jerusalém. Será nesse período que a Igreja será julgada no Tribunal de Cristo!

Uma palavra final. Como em todas as coisas boas, podemos abusar do estudo Dispensacional. Há alguns cristãos que levam o dispensacionalismo a tal extremo que os leva a dizer que só as Epístolas de Paulo escritas da prisão é que são aplicáveis à igreja hoje. Como resultado disso, eles não aceitam o baptismo e a Ceia de Senhor, já que eles não se encontram nas Epístolas Prisionais. Eles também ensinam que a Pregação de Pedro não era igual à de Paulo. (Gál. 1:8, 9). Estes crentes às vezes são chamadas ultra-dispensacionalistas ou Bullingeristas (vem de E. W. Bullinger). Tal visão extremista de entender o dispensacionalismo deve ser rejeitada.

William MacDonald

A VISÃO DISPENSACIONAL TRADICIONAL

A Visão Tradicional do Dispensacionalismo crê que há sete Dispensações. Outros ainda dividem as Escrituras em oito, e outros ainda em dez Dispensações. Mas, isso não é importante. Mais importante é saber que elas existem e saber qual é a que nos diz directamente respeito.

As Principais são:

1. A Dispensação Edêmica. Corresponde ao período e Inocência de Adão, quando vivia no Éden. Por isso também é chamada “Dispensação da Inocência”. Esta dispensação ainda não terminou na integra. As crianças, no seu estado de inocência, ainda estão abrangidas por esta economia.

2. A Dispensação Adâmica. Este período corresponde ao período pós pecado, depois de Adão ter sido expulso do jardim do Éden. A forma como Deus passou a trabalhar com o homem é pela consciência. Também é chamada “Dispensação da Consciência”. Esta dispensação ainda não terminou. O homem ainda tem consciência e Deus ainda a usa para avisar o homem.

3. Dispensação do Governo Humano. É o período que inicia com Noé e a sua descendência. A base desta conduta de vida é o respeito pelos princípios dos direitos humanos. Esta dispensação só terminará com a vinda do Dia do Senhor: o governo divino.

4. Dispensação da Promessa. É a Dispensação que inicia com a chamada de Deus a Abraão de Ur dos caldeus e lhe dá promessas. A regra de vida é a fé. Esta dispensação só ficará completa no Reino Milenial. Esse Reino será o cumprimento de todas as promessas feitas aos Pais.

5. Dispensação da Lei. Esta Época começa no Monte de Sinai, com a entrega da Lei. Nada nos é dito que tenha terminado. A lei de Deus ainda se aplica hoje, inclusivamente o dia de Sábado. A Igreja é que está morta para a lei, e só a ela é que é inaplicável (Rom. 7:1-7). A Igreja vive em novidade de vida (Rom. 6:3-4), e para essa vida – a vida do Espírito – não há lei (está a cima da lei) – Gál. 5:22-23.

6. Dispensação do Reino. Este período inicia com João Baptista, que vem preparando o caminho para a chegada do Messias. Esta Dispensação é suspensa com a Dispensação da Igreja. Será reatada com o arrebatamento, e culminará no Reino Milenial.

7. Dispensação da Igreja. Inicia em Actos dos Apóstolos 2, e termina com o arrebatamento.

Porém, e se dividirmos as Escrituras em sete Dispensações deparamos com algumas situações que não serão fáceis de explicar por um método literal, uma vez que há ordenanças e características que se repetem em várias Dispensações, dificultando a sua divisão. E, como explicar uma coisa que não tem explicação, já que uma divisão dessas não passa de uma distribuição humana dos planos de Deus?

Encontramos, isso sim, algumas Dispensações menores, ou seja, enquadradas dentro de uma Dispensação maior, ou Plano mais global de Deus. Por exemplo, e nessa perspectiva, podemos dizer: a “Dispensação da Consciência” ainda não terminou, pois Deus ainda usa a consciência para alertar o homem. E a “Dispensação da Lei” enquadra-se dentro da “Dispensação do Governo Humano”, pois estes tempos só terminarão com a implantação do “Dia do Senhor”. Entre outros casos que poderíamos referir.

A divisão mais correcta da Escritura é a Profecia e Mistério. Toda a Escritura se agrupa nestes dois enquadramentos universais: a mensagem para o Reino de Cristo na terra – e este é o tema da Profecia, desde Adão até ao Apocalipse; e a mensagem para a Igreja, cuja esperança e vocação é celestial (Heb. 3:1), e essa é o tema do “Mistério”, assim chamado por a sua mensagem ter sido conservada oculta em Deus, aos anjos e aos homens, desde a eternidade (Col. 1),

e encontra-se localizada num parêntese aberto por Deus no desenvolvimento do Programa da Profecia.

Vejamos, agora, alguns pontos que esta visão considera fundamentais na sua percepção:

1. A Igreja “Corpo de Cristo” teve o seu início em Actos 2, no “Dia de Pentecostes”, com a descida do Espírito Santo.
2. A Comissão de Cristo para a Igreja encontra-se em Mateus 28, Marcos 16, Lucas 24, João 21 e em Actos 1.
3. A visão tradicional considera o apostolado de Paulo integrado no dos doze apóstolos.
4. O Novo Testamento começa em Mateus 1, pelo que, todos os ensinamentos de Cristo, desde o Ministério de João Baptista devem ser observados pela Igreja.
5. A visão tradicional do dispensacionalismo só aceita a existência de uma Igreja. A Igreja de Mateus 16:18, é a mesma de Mateus 18:17, que seria estabelecida em Actos 2, e a mesma das Epístolas de Paulo.
6. Os dons sinais fazem parte da Igreja, e só deixam de existir com a vinda de Cristo (I Cor. 13:10).
7. A vinda do Senhor para arrebatá-la a sua Igreja: o arrebatamento inclui a ressurreição dos crentes desde Abel até ao último crente que viver antes desse evento.

Dentro destas concepções tradicionais, verificamos que a cristandade se divide em muitos pontos. Nomeadamente, e em relação ao ponto 1., há alguns Cristãos que pensam que Abel pertence à igreja; e outros há que ensinam que os membros da Igreja só iniciam a sua integração a partir de Mateus 1.

Relativamente ao Ponto 2., a cristandade também se divide. Uns acham que a comissão para a Igreja é Mateus 28 exclusivamente, outros consideram que é Marcos 16, e outros, outros textos Sagrados. Considerações conseguidas, provavelmente, segundo as suas conveniências.

Sem nos alongarmos nas abordagens dos demais pontos, pois levaríamos bastante tempo nas suas considerações, não podemos deixar de referir o Ponto 7., uma vez que é uma das doutrinas mais importantes da Igreja “Corpo de Cristo” e do dispensacionalismo. E, relativamente a este assunto temos a referir que mais a cristandade se divide. Uns pensam que a Igreja será arrebatada antes da Grande Tribulação, outros ensinam que ela passará pela G.T., outros por parte dela, entre outras doutrinas que se multiplicam.

Crítica à Visão Tradicional

Antes de mais quero consciencializar o leitor de que, regra geral, podemos tirar grandes e importantes ensinamentos em qualquer posição doutrinária Dispensacional, desde que estejamos diante de alguém que estude as Escrituras e a saiba ensinar. Não podemos rejeitar o ensino pelo seu autor. Devemos atender às palavras do Apóstolo Paulo quando disse: *“Examinai tudo. Retende o bem”* (I Tes. 5:21).

E, sem deixar de ter em conta o pensamento precedente, passo a tecer algumas considerações sobre a “Visão Tradicional do Dispensacionalismo”, e digo o seguinte:

Ponto 1 - O Início da Igreja. Na verdade, nada nos é dito nas Escrituras que confirme o ensino de que a Igreja teve o seu início no Dia do Pentecostes. Na realidade, todo o ensino envolvente com aquele momento nos leva ao cumprimento das profecias e ao povo de Israel. Assim, e contrariamente ao que a “Visão Tradicional” pretende transmitir, Actos 2 não passa de um cumprimento da Profecia no tocante aos sinais que precediam o “Dia do Senhor”, e que culminaria no Reino Milenial – conforme Joel 2, ou a narração cronológica das setenta semanas de Daniel 9 (Act. 2:16, e seg.).

Por outro lado, o Dia do Pentecostes era uma data festiva da Nação de Israel, e nada do que diz respeito à Igreja “Corpo de Cristo” se identifica com o formalismo e cerimonialismo Judaico.

Mais ainda: sendo a Igreja “Corpo de Cristo” um “Mistério que esteve oculto desde os tempos eternos” (Col. 1), como é que poderia ter sido revelado aos profetas de Israel? Aos profetas foi revelado tudo quanto dizia respeito ao Reino do Messias na Terra.

No entanto, e aqueles que pensam que a Igreja teve o seu início em Actos 2, têm que admitir alguma razão naqueles que divulgam que os dons sinais são para hoje, já que eles se encontram nesse momento, e que a Igreja passará pela Grande Tribulação, pois esse é o tema do discurso de Pedro: o que não se sintoniza com a generalidade dos dispensacionalistas tradicionais.

Ponto 2 – A Comissão de Cristo. Não há qualquer dúvida que nos textos supra citados temos uma comissão. E não como alguns ensinam que as comissões são diferentes nos textos de Mateus, Marcos, Lucas, João e Actos 1. Não! Na verdade os diferentes textos relatam um só momento e uma só comissão: a comissão do Senhor ressuscitado para a Igreja Messiânica, composta pelo remanescente de Israel: o “pequeno Rebanho”. E, se fizermos uma leitura imparcial dos textos em causa concluiremos da impossibilidade do cumprimento dos ensinamentos ali expostos. A Igreja da presente Dispensação da Graça não é composta de Judeus e prosélitos somente, mas de Judeus e Gentios; A Igreja não é o cumprimento das profecias do Antigo Testamento, nem espera o “Dia do Senhor”; A Igreja não está sujeita à lei, como ali se vê, mas está morta para a Lei, em Cristo; A Igreja, hoje, não espera prosperidade material e humana, pois ela não é deste mundo. E tudo isto vemos ali. Por isso, e se entendem que aí encontram a comissão para a Igreja, terão de se tornar Adventistas do Sétimo dia (já que aí encontramos ensinamentos da Lei – Mat. 28:20), ou se tornarão carismáticos (pois aí encontramos dons sinais miraculosos – Mar. 16:17-18), e baptizarão para perdão de pecados (desvirtuando a Obra de Cristo – Mar. 16:16), e terão de ir para Jerusalém para evangelizar, já que aqueles que começaram em Jerusalém, nunca concluíram essa comissão (Actos 1:8). Além disso, estarão a confundir as Escrituras, quanto às promessas de Deus para Israel,

adoptando-as indevidamente para a Igreja, já que é impossível essa aplicação. Os “*dons e a vocação de Deus são sem arrependimento*”, e Ele os cumprirá em relação a Israel (Rom. 11).

Na verdade, a Igreja da Glória tem uma comissão, mas essa é do Senhor Glorificado, dada directamente pelo Senhor ao Apóstolo Paulo para a Igreja, e nos termos expressos em II Cor. 5:11-6:10, Efésios, Colossenses, etc..

Ponto 3 – O Apostolado de Paulo. É perfeitamente claro nas Escrituras que o apostolado de Paulo e o Apostolado dos doze Apóstolos são distintos. Os doze foram chamados para Israel (Mat. 19:28), enquanto que Paulo foi chamado para os Gentios (Rom. 11:13). As suas vocações são diferentes, e não podem ser confundidas (Gál. 1:15-17). Os doze apóstolos representam a Nação de Israel (12 Tribos, 12 Homens, 12 Tronos); Paulo representa o Corpo de Cristo (1 homem – judeu e gentio, hebreu e romano). Os doze tiveram uma visão terrena do Senhor; Paulo teve uma visão do Senhor celestial (II Ped. 1:20 com Heb. 2:8). Os doze receberam uma vocação terrena (Mat. 10); Paulo recebeu a revelação na glória (II Cor. 12:1-8), sendo a sua vocação celestial (Heb. 3:1)

Ponto 4 – O Novo Testamento. A visão tradicional, ainda agarrada às correntes herdadas pelo catolicismo, como a generalidade das concepções tradicionais, olha o Novo Testamento a partir de Mateus 1. E, influenciada por essa ideia, valorizam os ensinamentos de Jesus desse período, em detrimento dos Seus ensinamentos do Senhor glorificado. Não está em causa a importância de uns e outros ensinamentos. Eles têm o mesmo nível horizontal de importância. O valor do facto está no propósito, no enquadramento programático dos ensinamentos, e nos destinatários dos mesmos, que são diferentes.

Hebreus 9 demonstra como não pode haver eficácia dum testamento sem que ocorra primeiro a morte do testador. Mas, sobre isso, já nos referimos o suficiente, anteriormente.

Ponto 5 – A Igreja. Muito haveria para dizer sobre este ponto. No entanto, limitamo-nos a dizer o seguinte: se bem que o termo empregue seja o mesmo, as Igrejas são diferentes. Uma é a Igreja do Reino, composta pelo remanescente de Israel, exclusivamente de Judeus, ou de prosélitos convertidos ao judaísmo, que esperavam o Reino Messiânico (Mat. 16:18-19; Act. 1:6), e estava profetizada (Sal. 118:22); a outra, a Igreja “Corpo de Cristo”, e que Paulo fala em todas as suas Epístolas, é composta de Judeus e Gentios (Gál. 3:27-28), tem uma vocação celestial (Heb. 3:1), e era um “segredo” (Col. 1:24-27).

Ponto 6 – Os Dons Sinais. Neste ponto também encontramos muita divergência na cristandade. Questiona-se o ensino dos dons sinais para hoje e da veracidade da sua existência. Facto indubitável são as palavras do Senhor, quando disse: *“Estes sinais seguirão aos que crêem”* (Mar. 16). No entanto, O Senhor estava a falar para os discípulos que esperavam o Reino terreno e que, na ausência temporária do Rei, o iam representar. Os dons sinais eram uma evidência da autenticidade da mensagem Messiânica que eles pregavam, e uma demonstração de que o Rei tinha ressuscitado.

I Cor. 12-14 também fala de dons sinais. No entanto, estes dons, embora sendo do mesmo tipo, não tinham o mesmo carácter, nem a mesma finalidade. Estes sinais foram dados à Igreja “Corpo de Cristo”, é certo, mas como um dom (antes era um sinal de todos os que crêem). Esse dom era atribuído pelo Espírito Santo só a alguns (e não a todos os que crêem). Esses dons sinais tinham uma existência temporária, já que era só até que a Revelação do “Mistério” fosse concluída. Até à *“vinda daquilo que é perfeito”* (No grego o artigo está em neutro). Antes das últimas epístolas do chamado Novo Testamento, já esses dons tinham sido retirados (ou deixados de ser distribuídos pelo Espírito Santo) da Igreja, como podemos verificar em Filipenses 3, II aos Coríntios 12 e II Tim. 4:20.

Quanto aos dons sinais que hoje se manifestam, só sabemos que o anti-Cristo virá com os mesmos sinais (II Tes. 2:9), cujo espírito já opera nos filhos da desobediência (Idem, 2:7).

Ponto 7 – o Arrebatamento. A generalidade dos crentes confunde o arrebatamento com a primeira ressurreição. Na verdade, uma e outra fazem parte da ressurreição dos crentes. No entanto, a primeira ressurreição (primeira, não em termos cronológicos, mas na qualidade, para contrastar com a segunda morte – a ressurreição dos descrentes e perdidos) refere-se à ressurreição dos crentes do Reino, que esperavam o cumprimento das Promessas aos Pais e das profecias para a terra. Desse número fazem parte os crentes desde Abel até ao último crente que morrer antes do Milénio. Esses ressuscitarão e reinarão com Cristo (Apo. 20). O arrebatamento é um “mistério” (I Cor. 15:51-57), dentro da “Revelação do Mistério”. E, por isso, não pode ser confundido com a Profecia. É um evento especial e limitado à Igreja “Corpo de Cristo”, compreendido no quadro da Ressurreição geral dos crentes (I Cor. 15:23-28), mas um “segredo” oculto da Profecia.

Por esse facto, também, é que o arrebatamento ocorrerá antes da Grande Tribulação. Sendo a Grande Tribulação o período do reatamento da Profecia – que ficou suspensa com a introdução do Programa da Igreja “Corpo de Cristo” – este não poderia ser reiniciado sem que antes a “Dispensação do Mistério” estivesse concluída. E, **“O Dia do Senhor (a Grande Tribulação) não virá sem que antes venha a Partida (assim, lit. no grego – “apostasia”, “saída”, “separação”)**” (II Tes. 2:3). E esse evento é **“o que detém”** a manifestação do anti-Cristo (Idem, 2:6)

Muito mais haveria a referir, mas por limitação de tempo e espaço ficamos com as presentes considerações. Oportunamente referir-nos-emos a estes assuntos com mais cuidado.

VPP

NOVAS CORRENTES

Ultra-Dispensacionalismo

O que é o Ultra-dispensacionalismo, também chamado de "Bullingerismo"?

O "Ultra-dispensacionalismo" é definido pelo seu prefixo "ultra" (do latim) ou "Hyper" (do grego), e que quer dizer "para além de...".

Um Ultra-dispensacionalista é aquele que tem uma visão dispensacional que vai «para além da nossa visão dispensacional». Esse, em relação a nós, é ultra-dispensacional. No entanto, esta definição é relativa, pois podemos encontrar alguém que vai além da nossa visão de divisão dispensacional, como podemos encontrar alguém que vai mais além da visão daquele que para nós é ultra, passando o primeiro ser **infra-dispensacional**.

Esta expressão começou por ser utilizada para se referir ao sistema dispensacional conduzido pelo Dr. E. W. Bullinger (1837-1913), que leccionava no King's College, em Londres, e era um clérigo na Igreja de Inglaterra. Estas visões encontram-se amplamente desenvolvidas nas notas do "Companheiro da Bíblia" que ele editou. As posições doutrinárias do Dr. Bullinger são claramente opostas ao que geralmente é aceite como ensino ortodoxo. Este movimento foi desenvolvido posteriormente até aos nossos dias por outros ensinadores de renome, como J. C. O'Hair e Charles Baker.

Há várias doutrinas básicas no ultra-dispensacionalismo, e que passamos a referir: Primeiro, ensinam que os quatro Evangelhos são exclusivamente para os judeus e não têm nenhuma mensagem para a

Igreja. Segundo, é mantido que no livro de Actos nós não temos a Igreja "Corpo de Cristo", mas que a palavra ekklesia (igreja), como é usado naquele livro, refere-se completamente a uma Igreja diferente que não a das Epístolas Prisionais de Paulo. Ou seja, há uma terceira Igreja intermédia entre a Igreja do Remanescente de Israel, de Actos 2, e a actual Igreja da Graça. Em terceiro lugar, é defendido que Paulo não recebeu a Revelação especial do "Mistério do Corpo de Cristo" até ao seu aprisionamento em Roma, e que as Epístolas da Prisão só revela esta verdade e é, no sentido exacto, a única porção das Escrituras Santas dada aos membros do Seu Corpo. Todas as outras epístolas de Paulo são referentes a uma Dispensação anterior, e destinava-se à instrução da Igreja judia denominada daquele tempo. Quarto, as ordenanças emitidas antes de Paulo não têm nenhuma real conexão com a presente Dispensação, e então são banidas do seu ensino por se referirem ao passado. Podem, no entanto, ter novamente lugar preponderante na Grande Tribulação.

Paralelamente com estes pontos, há muitas outros ensinos sem base escriturística, e que são defendidos por algumas correntes Bullingeristas. Nomeadamente "o sono da alma" entre a morte e ressurreição, "a aniquilação do mal", a "salvação universal" de todos os homens e demónios, a "negação da Filiação eterna do Senhor Jesus Cristo", e a "negação da personalidade do Espírito Santo". Todas estas doutrinas se acham no Bullingerismo ou ultra-dispensacionalismo.

H. UM. Ironside

Últimas Tendências...

Dispensacionalismo progressivo

Novas correntes doutrinárias têm surgido dentro do Dispensacionalismo, o que vem abalar um pouco as convicções teológicas dispensacionais, já muito frágeis no seio das igrejas. Mais do que nunca é preciso conhecer a Verdade, dominá-la e defendê-la. No passado, os seus detractores e críticos normalmente surgiam do exterior do complexo teológico. Porém, agora um dos mais fortes e a maioria dos desafios combinados a combater o dispensacionalismo vem de dentro. Um número crescente de dispensacionalistas tradicionais estão propondo mudanças significativas nessa compreensão, a que vêm chamando de "Dispensacionalismo Progressivo".

O Dispensacionalismo Progressivo começou em 20 de Novembro do ano de 1986 no "Grupo de Estudos Dispensacionais", numa reunião anual da "Sociedade Teológica Evangélica", em Atlanta, GA.

Desde então, esta visão revisionista de dispensacionalismo provocou um impacto profundo no seio das igrejas, em seminários teológicos e Universidades Bíblicas. Esta nova forma de ver o dispensacionalismo parece ser "um retorno às raízes do dispensacionalismo americano" ("Cristianismo Hoje", 12, Setembro, 1994, pág. 27). Porém, qual é o sentido e a motivação do dispensacionalismo progressivo? Em que é que ele é diferente do dispensacionalismo tradicional? O que é que o "Dispensacionalismo Progressivo" procura realizar?

Esta corrente dispensacional está exposta nos escritos dos seus proponentes, onde alegam que o Dispensacionalismo Progressivo buscou as suas raízes nas características do Dispensacionalismo Tradicional, conjugado com as correntes a-milenistas actuais. No seu processo, estes novos dispensacionalistas incorporaram elementos de a-milenialismo e de pre-milenialismo histórico (George Elton Ladd, e o modernista C. H. Dodd), enquanto são enfatizadas características distintivas de

Dispensacionalismo Tradicional, como é o arrebatamento da igreja, o Reino Milenial e literal de Cristo, e nas distinções marcantes entre Israel e a Igreja.

Lamentavelmente, e por fraqueza dos próprios crentes, em alguns casos esta doutrina foi causa de divisão de diversas igrejas.

Na vanguarda deste movimento encontram-se Darrell L. Bock, do Seminário Teológico de Dallas, Craig A. Blaising, do Seminário Teológico Baptista Meridional, e Robert Saucy, do Seminário Teológico Talbot, CA. As obras destes autores foram usadas pelos leitores para avançar com um debate doutrinário contínuo. Os seus livros incluem "A Causa de um Dispensacionalismo Progressivo", por Robert Saucy, "Dispensacionalismo Progressivo Insolente", por Bock e Blaising, e "Dispensacionalismo, Israel e a Igreja", editadas por Bock e Blaising.

Quais são as doutrinas do Dispensacionalismo Progressivo? De início, deve ser mencionado que estes "Progressivistas" partiram de um método não ortodoxo de interpretar a Bíblia. O dispensacionalista progressivo Craig Blaising rejeita a posição de Charles C. Ryrie (tradicionalista), quando diz que o elemento essencial do dispensacionalismo é o uso literal, plano, método normal, e consistente de interpretação de Bíblia. Blaising e Bock avançaram com o que eles chamam de "hermenêutica complementar". Eles sugerem que o Novo Testamento faz alterações complementares às promessas do Velho Testamento sem pôr de parte o sentido original dessas promessas. Este método de interpretação parece ser a junção do método literal (dispensacional) e do método alegórico/espiritualista (teologia de convenção/convencional).

A aplicação deste tipo de interpretação conduziu a uma ênfase no arrebatamento da Igreja, que é uma característica essencial do dispensacionalismo. No livro "Dispensacionalismo Progressivo", de Darrell Bock e Craig Blaising, escreveram eles que o arrebatamento só é considerado breve quanto ao momento, e não quanto à natureza do evento. Alguns observadores acreditam que este método incorrecto de interpretação não passa de um subtil abandono do dispensacionalismo de Darby/Scotfield. O conceituado dispensacionalista Thomas Ice adverte: "ninguém pode duvidar que alguns estejam propondo mudanças radicais dentro do enquadramento dispensacional. A questão que surge está relacionada com a natureza e virtude da mudança... eu acredito que estes homens estão no processo de destruir o dispensacionalismo" (Perspectivas Bíblicas, Nov./Dec. 1992).

Para alguns crentes o combate a esta nova corrente dispensacional foi demasiadamente agressiva. Porém, algumas declarações feitas pelo novo presidente do Seminário Teológico de Dallas, Chuck Swindoll, lançou luz na precisão desta suspeita. Numa entrevista dada em "Cristianismo Hoje" quando foi questionado sobre o dispensacionalismo tradicional no Seminário Teológico de Dallas, ele respondeu: "eu penso que a palavra Dispensação é uma palavra assustadora. Mas, mesmo assim, vamos introduzir essa concepção na "disciplina do dispensacionalismo", a leccionar na nossa escola". E, quando lhe perguntaram se o termo dispensacionalismo desapareceria, Swindoll respondeu, "pode e talvez deva" (Cristianismo Hoje, Oct. 25, 1993).

Outra área de preocupação séria é a mudança relativa ao Reino Milenial de Cristo na terra. Os dispensacionalistas tradicionais e a nossa posição entende que o Reino Davídico de Cristo seria estabelecido na Jerusalém terrestre, num Trono literal onde o Seu antepassado, Davi, já havia governado. Os Progressivistas ensinam que o Senhor já rege no trono de Davi, no céu, facto que iniciou na Sua ascensão. É um desvio ao dispensacionalismo literal, já que entendem que a presença de Cristo no céu é uma realização do Pacto Davídico, narrado em II Samuel 7:14. Porém, alguns progressivistas têm mudado as suas ideias, adicionando e ensinando que o cumprimento daquele concerto está a ser cumprido presentemente, e ainda o será em tempo futuro. Embora os dispensacionalistas progressivos partissem duma visão paradoxal da premissa "já mas não literalmente", muitos não vêem apoio claro na Escritura para essa ideia. Isto levou que o presidente anterior do Seminário Teológico de Dallas, Dr. John Walvoord, escrevesse que "o Dispensacionalismo Progressivo, como é chamado, está construído numa fundação de areia e, por isso, com falta de fundamentação específica" (Assuntos Dispensacionais, editado por Willis e Masters, pág. 90).

A principal mudança que o Dispensacionalismo Progressivo propôs, e que se pode provar ser o mais sério é a rejeição das distinções significativas entre Israel e a Igreja. Os dispensacionalistas tradicionais ensinam que Deus tem dois programas na história bíblica – um programa para Israel e outro programa distinto para a Igreja. No seu livro, "A Causa do Dispensacionalismo Progressivo", Robert Saucy explica, "ao contrário do Dispensacionalismo Tradicional, este (dispensacionalismo progressivo) não requer programas separados para a Igreja e para Israel, os quais são unificados no mesmo propósito, e com o mesmo objectivo: a exibição da glória de Deus na eternidade pela

igreja... Hoje a Igreja tomou o seu lugar e funciona diametralmente no mesmo programa do Reino Messiânico que Israel foi chamado para servir" (pág. 28).

Os progressivistas não vêem quase nenhuma diferença entre o plano distinto de Deus para a Igreja e o Seu plano para Israel. Isto levou o Dispensacionalismo Progressivo a chamar à Igreja "novo Israel" (Dispensacionalismo, Israel e a Igreja, pág. 288). Muitos observadores dispensacionalistas têm comentado que esta visão altera verdades fundamentais da doutrina para a Igreja. Esta visão conduz os seus seguidores a desenfatar muitas características fundamentais do dispensacionalismo, inclusive o arrebatamento pré-tribulacional da igreja, um evento que envolve a Igreja exclusivamente no horário profético de Deus.

Qual o mal que esta corrente faz, no futuro? Lamentavelmente, as igrejas estão sempre prontas a abraçar tudo o que aparece, quando se devia dedicar mais ao estudo da Palavra de Deus. O exemplo dos crentes de Bereia (Act. 17) não tem sido adoptado. E, o que Deus diz é que ***"e porque não receberam o amor da verdade... Deus lhes enviará (à cristandade) a operação do erro para que creiam a mentira..."*** (II Tes. 2:10-11)

Os observadores só podem aventurar uma educação, ou um ensino para o futuro do Dispensacionalismo Progressivo. Porém, tudo isto conduziu ao Dr. Walter A. Elwell, do Seminário Teológico de Trinity, a dizer no seu livro "Dispensacionalismo Progressivo": «A nova visão do dispensacionalismo parece-se mais com o pre-milenialismo do não-dispensacionalismo, nos quais não vemos quaisquer diferença" (Cristianismo Hoje, 12, Setembro, 1994, pág. 28). Se a avaliação dele for verdadeira, então o futuro perspectiva-se mau para o dispensacionalismo tradicional.

Em todo o tempo, os estudantes idóneos da Palavra de Deus têm que buscar a verdade efectiva da Bíblia, e declará-la. Com tal atitude não se renderão, nem abandonarão as áreas importantes da doutrina Bíblica. Não esqueçamos a exortação do Apóstolo Paulo quando disse para dividirmos a Palavra de Verdade (II Tim. 2:15), que é um desafio importante para os nossos corações, especialmente para nos defendermos de novas correntes doutrinárias que vêm invadindo as igrejas locais e abalando a fé dos crentes, contra as quais devemos combater com afinco.

David Dunlap

Anti-Dispensacionalismo

Título do Original:
"Dispensationalism Misunderstood"
(Dispensacionalismo mal entendido)
Por Dr. Ken Blue

"Procura apresentar-te a Deus, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a Palavra da Verdade". (II Tim. 2:15)

INTRODUÇÃO

Qualquer recém nascido na família de Deus para poder avançar no estudo sério da Bíblia, tem que entender primeiro as diferentes dispensações. O fracasso de alguns em entender o verdadeiro ensino das dispensações conduziu-os a fazer falsas aplicações da Bíblia. Alguns, até, por não entenderem a verdade sobre as dispensações, atacam o ensino dispensacional, e recusam-se a acreditar que elas existam.

O propósito deste artigo é responder a algumas objecções e ajudar o leitor a entender a verdadeira natureza das dispensações. Talvez, e antes de mais, uma definição clara da palavra ajude o seu entendimento.

Definição: Dispensação é um termo que vem do acto de dispensar ou algo dispensado; ou, ainda, pode significar um arranjo específico ou sistema pelo qual algo é dispensado. Moisés dispensou a Lei. A palavra Dispensação significa mais que um período de tempo. E, os beneficiários da Dispensação, os dispensandos de uma mensagem particular ou ministério, normalmente têm um começo e um fim.

O mordomo de uma casa é determinado pela responsabilidade de dispensar os negócios indicados pelo seu mestre. Assim a Moisés foi confiado o dispensar da Lei. Ele foi o mordomo de Deus naquela Dispensação. O evangelho da graça de Deus e o Período

da Igreja foi confiado a Paulo. Ele tinha a responsabilidade para dispensar as "boas notícias" de Deus para os Gentios. Ele estava a assumir o papel de mordomo de Deus daquela Dispensação.

Com aquela compreensão, deveria ser fácil para nós identificar as várias dispensações dentro do plano de Deus. E, daí, compreendermos qual é a diferença entre o judeu, o Gentio e a Igreja de Deus.

A HISTÓRIA DE DISPENSACIONALISMO

Como as décadas vêm e vão, assim acontece com os assuntos suscitados dos ensinamentos da Bíblia. Sempre houve debate acerca das coisas espirituais e das Verdades da Palavra de Deus. Um período anterior viu a batalha espiritual acerca do nascimento virginal de Cristo. Posteriormente veio-se a discutir a verdade da "Salvação pela fé". Mais tarde outras verdades foram redescobertas por estudiosos das Escrituras acerca da Vinda distinta de Cristo para arrebatá-la a Sua Igreja. Mais tarde se discutiu acerca das versões e traduções das Escrituras. O mais recente debate está sendo feito acerca do arrebatamento "pre-tribulação" ou "Pré-Ira", ou do posicionamento do arrebatamento da Igreja a meio da grande tribulação, ou no fim da grande tribulação.

Alguns críticos divulgam que o dispensacionalismo é uma doutrina recente, inventada pelo Dr. C. I. Scofield, editor da famosa "Scofield Reference Bible", e J. N. Darby; implicando, dizem, que o dispensacionalismo é uma doutrina dos tempos modernos e não tem autoridade Bíblica. Porém, pesquisas efectuadas na história da Igreja demonstram que nem C. I. Scofield ou J. N. Darby são os inventores do dispensacionalismo ou a autoridade final no assunto.

No primeiro século, vários escritores para-bíblicos acreditavam em diferentes governos ou administrações. Larry V. Crutchfield, ensinador Bíblico, de Baumholder, na Alemanha Ocidental, escreveu um artigo intitulado "Idades e Dispensações". Nessa obra ele demonstra que os Pais da igreja, desde cedo, acreditavam em divisões da história baseadas nos procedimentos de Deus para com o homem. Ele declara, "Entre esses de cuja doutrina de

idades e dispensações sobreviveu ... o período até Justino, o Mártir, Ireneu, Tertuliano, Methodius, e num grau secundário Victorinus de Petau ".

Crutchfield diz que «"Barnabé", por tradição, é o instrumento que desde cedo labutou a favor do dispensacionalismo, que entende ser os procedimentos de Deus para com o homem».

Vejamos alguns testemunhos:

Justino, o Mártir (DC 100-165): "de acordo com Crutchfield, Justino acreditou em quatro fases de história humana no programa de Deus. O primeiro era de Adão a Abraão; o segundo era de Abraão a Moisés; o terceiro era de Moisés a Cristo; e o quarto era de Cristo ao estado eterno.

Ireneu (DC 120-202): As dispensações, segundo Ireneu, eram em número de 4. Elas são: 1. da Criação para a Inundação; 2. da Inundação para a Lei; 3. da Lei para o Evangelho; 4. do Evangelho para o Estado Eterno. Ele ensinou isso baseado na ideia da existência das quatro zonas do mundo e do gênero humano. Ele viu uma conexão entre estas zonas, as faces das "quatro criaturas viventes", os quatro evangelhos e as quatro dispensações.

"Alguns pais repartiram em quatro as dispensações. Outros chegaram muito perto de fazer quase as mesmas divisões dos dispensacionalistas modernos", diz Crutchfield.

Ele continua, "Irenaeus, Victorinus de Petau, e Methodius enumeram as dispensações restringindo-as artificialmente a quatro... As dispensações são faladas frequentemente pelos pais desde cedo, em termos das pessoas proeminentes". Ele lista as pessoas como: Adão, Noé, Abraão, Moisés e Cristo. As divisões "dispensacionais eram frequentemente feitas ao longo dos limites das vidas destes cinco homens e dos seus tempos", concluiu Crutchfield.

Scofield segue este padrão mais de perto. O Dr. Scofield ensinou: 1. A inocência (o Adão); 2. O Governo (o Noé); 3. A Promessa (Abraão); 4. A Lei (Moisés); e, 5. A Graça (Cristo).

Foi John Nelson Darby (1800-1882) quem primeiro deu uma forma sistemática às Idades e Dispensações.

Porém, ele estava longe de ser o primeiro a descobrir as diferentes Épocas e Dispensações na Palavra de Deus.

Nós temos que atribuir ignorância voluntariosa àqueles que rejeitam o dispensacionalismo, dizendo que é um ensino recente, datado de 1800 ou 1900 A.D.

As Notas de Scofield à Bíblia (Scofield Reference Bible) descrevem e ordenam as divisões do propósito de Deus como ele entendia. No entanto, há muito pouca semelhança entre os escritos de Scofield e os escritos de Darby.

Tudo isto, com ameaças internas e externas, nos obrigam a que procuremos as Escrituras para ver se a Bíblia ensina administrações diferentes ou não. Se o faz, nós temos a obrigação de abraçar o seu ensino. Se, pelo contrário, acharmos que o ensino das Dispensações não é uma doutrina das Escrituras, então nós estamos dispostos a rejeitar aquele ensino.

OBJEÇÕES CONTRA O DISPENSACIONALISMO

1. O Dispensacionalismo Desconsidera Partes da Bíblia

Uma das principais críticas contra o dispensacionalismo, dizem alguns, é que seus ensinadores não crêem na Bíblia inteira. É assumido que quando a pessoa divide a Palavra de Deus como foi recomendado por Paulo, ela é especificamente instruída a não rejeitar essas divisões escritas para a Época da Igreja. Por exemplo, o leitor já ouviu alguém dizer que «os que acreditam nas dispensações não acreditam que as Epístolas de Tiago, Pedro ou João sejam para a Igreja "Corpo de Cristo". E fazem o mesmo com o Velho Testamento».

Porém, uma compreensão correcta das dispensações não afecta minimamente a convicção de qualquer forma na totalidade da Bíblia. Os crentes dispensacionalistas também acreditam implicitamente no que Deus disse em Génesis ou no Apocalipse. Eles crêem que o Dilúvio é literal, e a chamada de Abraão foi historicamente precisa. O Êxodo, a conquista de Canaã, e a dispersão de Israel são todas verdades reais dos procedimentos de Deus para com Israel. Os clamores dos profetas são

credos tais como foram escritos, como toda a Escritura, por aqueles que ensinam as dispensações.

Aquele que compreende as dispensações Bíblicas reconhecerá que as leis e os mandamentos, com caracter moral ou cerimonial do Velho Testamento eram exclusivamente para Israel (Lei moral e cerimonial: esta divisão de conceitos é o homem que a faz, pois para Deus - e para nós - são a mesma coisa. Lei é uma só. Os Dez Mandamentos era a lei base; as demais leis eram subsidiárias, que desenvolviam a forma pontual e os diversos aspectos como os Dez Mandamentos deveriam ser cumpridos. Por Exemplo: 7.º Mandamento - Lei base: "Não adulterarás" (Exo. 20:14). Leis subsidiárias e complementares: Deut. 22:23-29 (fornicação), Deut. 22:22 (adultério), Lev. 18:6-18 (incesto), Lev. 18:23 (bestialidade) e Lev. 18:22; 20:13 (homossexualidade), que são as diversas formas como o 7.º mandamento pode ser trasngredido). E não questionam a Escritura que trata daquele assunto. Uma convicção dispensacional de nenhuma maneira combate os ensinamentos do tabernáculo, da lei, do sacerdócio ou das convenções. Simplesmente reconhece que eles foram dados a Israel e não à igreja desta Dispensação.

O Apóstolo Paulo é claro em afirmar que os artigos acima referidos eram para os judeus. Ele escreve aos Romanos e diz: "Porque eu mesmo poderia desejar ser separado de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne; Que são os Israelitas; dos quais é a adopção, e a glória, e as convenções, e a lei, e o culto, e as promessas; Dos quais são os pais, e dos quais é Cristo, segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito eternamente: Amém". (Romanos 9:3-5).

Os que estudam as Escrituras têm que distinguir entre "aplicação" e "interpretação". Toda a Escritura tem um ensino histórico, doutrinário e prático. E aqui é onde se encontram os principais enganos. Quando nós interpretamos um texto, devemos ter noção das regras de interpretação. Assim, o lugar onde se localiza a passagem deve ser considerado. A regra do contexto deve ser obedecida. Quem está a falar e a quem? É outro aspecto a ter em conta.

Finalmente, toda a Escritura deveria ser compreendida literalmente, a menos que isso faça violência ao texto. Este é o ponto que separa o ensino das dispensações e aqueles que não vêem importância nelas.

Muitos confundem aplicação com interpretação. Toda a Bíblia tem aplicação. Por exemplo, Abraão foi convidado a oferecer Isaque, seu filho, em sacrifício. Ele entendeu a Palavra de Deus como literal, e ofereceu Isaque. Essa foi a interpretação que ele fez da Palavra de Deus. Como resultado, ele foi chamado "o amigo de Deus".

Ninguém nesta Época, esperamos, seria tão louco que tomasse uma faca e fosse oferecer o seu filho. Nós lemos aquele texto e compreendemos que aquela passagem se refere só a Abraão. No entanto, nesse texto sagrado ainda podemos extrair muitas lições. Naquela história podemos aprender e aplicar importantes ensinamentos devocionais às nossas vidas. Nós aprendemos que Deus deve ser obedecido até mesmo quando não entendemos os Seus planos.

Deve ser exercitada fé implícita na Palavra de Deus. Finalmente, nós não devemos pôr nada antes de Deus, até mesmo que seja a nossa única esperança terrena. Isto é aplicação e deve ser sempre feito por nós.

É certo que nós aprendemos de toda a Bíblia. Não é certo que nós dupliquemos as acções desses envoltórios. Por exemplo, a Páscoa é uma história maravilhosa da salvação de Deus da nação de Israel. Nós somos impelidos a adora-lo por causa do Seu amor, sabedoria e poder demonstrado nos eventos de Páscoa. Mas, ninguém acredita que Deus espera que nós observemos a Páscoa literalmente como Ele o fez com Israel.

A confusão entre "interpretação" e "aplicação" é a causa dos muitos erros e enganos dos estudiosos das Escrituras. O crente tem de acreditar que as dispensações são uma realidade, pois só assim compreenderá a Bíblia inteira. Nós cremos que dividimos as Dispensações correctamente. E, para sermos mais bíblicos, temos que deixar também O Espírito Santo falar ao nosso coração (pela Sua Palavra), e fazer a aplicação da Sua Palavra como Ele entender.

2. O Dispensacionalismo é Contra a Inspiração Uniforme das Escrituras

Alguns podem pensar que as dispensações colocam algumas porções das Escrituras a um nível mais elevado de inspiração que outros. «Esses que entendem e acreditam nos ensinamentos das Dispensações da Bíblia ensinam que as Epístolas de Paulo são especificamente para a Igreja, "Corpo de Cristo". Eles fazem uma distinção clara entre estas e as Epístolas Judaicas ou os quatro Evangelhos», dizem alguns contestatários das dispensações.

Porém, essa ideia é totalmente falsa. Não é por serem dispensacionalistas que pensam assim. Muitos poderão pensar assim ou pior e não ser dispensacionalistas. Essa é uma acusação improcedente. Nenhum crente sincero coloca qualquer porção das Escrituras, nem sequer uma palavra, sobre outra. Nós acreditamos na inspiração plena das Escrituras - até às Palavras e disposição delas - e isto sob todos os pontos de vista; ilimitada ou plena. A palavra inspiração significa "sopro de Deus". E o ensino Bíblico das dispensações nunca questiona a inspiração plena. "Toda a escritura é divinamente inspirada por Deus" (II Tim. 3:16).

Deus é que expirou e inspirou as Palavras das Escrituras. De facto, este foi o modo como todas as palavras foram transmitidas. O conceito da "inspiração parcial" das Escrituras é falso. Mesmo aqueles textos que se referem aos ímpios. O registro da Escritura do que eles disseram é preciso. As palavras que saíram das suas bocas não foram ditas por Deus. Mas, mesmo assim, o registro do que eles disseram é verdadeiro.

Um exemplo disso é a mentira contada por Caím. Quando Deus lhe perguntou por seu irmão, ele disse que não sabia. As palavras dele eram falsas, mas o que Deus disse dele era verdadeiro.

Nós deveríamos notar que é possível para Deus predominar as palavras articuladas por qualquer homem, até mesmo do mau. Quer dizer, as palavras de homens maus podem ser as palavras de Deus. Para uma

ilustração disto, veja Números 24:15-25. Deus não está limitado.

Inspiração estende-se aos documentos registados. A recepção e os registos das "palavras" na Bíblia são inspiradas por Deus; e, os eventos registados ali são um registo completo e preciso do que então foi dito.

O ensino das dispensações não altera este ensino, nem privilegia textos da Bíblia em detrimento de outros, por serem supostamente mais inspirados que outros. Deus preservou a Sua Palavra no mundo, usando as próprias versões e traduções das Escrituras. No entanto, este conceito de inspiração plena só se aplica aos originais. Mas, toda a Escritura é proveitosa, porque toda ela está igualmente inspirada por Deus.

3. O Dispensacionalismo é um Desvio dos Princípios de Deus

As Dispensações têm princípios e fins; os princípios permanecem firmes. Por exemplo, Moisés e Israel acharam graça aos olhos do Senhor enquanto estavam debaixo da Lei. "Assim diz o SENHOR: O povo que escapou da espada achou graça no deserto; Israel mesmo, quando eu o fizer descansar" (Jeremias 31:2).

Noé achou graça aos olhos do Senhor enquanto estava debaixo da Dispensação da Consciência. **"Mas Noé achou graça aos olhos do SENHOR" "** (Gênesis 6:8).

Até mesmo Lot experimentou a graça de Deus enquanto estava em Sodoma. **"Eis que agora o teu servo tem achado graça aos teus olhos..."** (Gênesis 19:19).

A Graça é um princípio de Deus e é tão eterna quanto o próprio Deus. Ele sempre teve e sempre mostrará graça à Sua criação. Porém, há uma "Dispensação" ou uma "Administração" da graça que foi confiada a Paulo para a transmitir ao mundo. E essa administração de Deus teve um começo e terá um fim. Nós chamamos a isso Graça porque Deus a estende a todos sem limites, tanto a judeus como aos gentios.

Outro princípio é a lei. Embora nós não estejamos debaixo da Dispensação da Lei, não estamos sem lei. Paulo é claro em dizer que nós não só estamos debaixo de lei de Cristo, como também estamos debaixo da lei do amor e da lei cível: a autoridade humana: "O amor não

faz mal ao próximo. De sorte que o cumprimento da Lei é o amor" (Romanos 13:10; ver, também, Romanos 13:1-6). Nada nos é dito nas Escrituras que a Lei tivesse deixado de vigorar.

Devemos ter a consciência do princípio da graça de Deus, mas não o confundir com a administração de graça. Há uma grande diferença entre a "graça das Dispensações", da "Dispensação da Graça".

Por Exemplo: «A graça e a verdade vieram por Jesus Cristo» (Joa. 1:15-17) - é a "graça das Dispensações"; e, «A Dispensação da Graça de Deus que para convosco me foi dada...» (Efe. 3:2) - é a "Dispensação da Graça".

É verdade que na passagem do Velho para o Novo Testamento encontramos um movimento de princípios permanentes. Porém, devemos compreender e distinguir entre Dispensações e Princípios.

4. O Dispensacionalismo é um Abandono às Práticas das Igrejas Locais

O Ultra-dispensacionalismo abandona muitas práticas das igrejas locais. Alguns, mesmo, abandonam a igreja local. Alguns ensinam que a igreja começou depois de Actos 28, e, por isso, tudo o que o Apóstolo Paulo escreveu depois disso é que conta para a Igreja. Então, a Ceia do Senhor, por exemplo, não tem nenhum lugar na presente Época da Igreja, porque é entendido como um rito judeu.

Porém, o conhecimento das dispensações não é uma licença para rejeitar as verdades essenciais da Palavra de Deus. O uso das Dispensações não nos dá o direito de abusarmos delas.

Paulo não só falou da Ceia do Senhor, mas ele recebeu directamente do Senhor a instrução dela para a Igreja.

Mas, mais: A Ceia do Senhor é a celebração do "Novo Testamento", como a Ceia Pascal era a celebração do "Antigo Testamento". Ora, e embora o Novo Testamento tenha sido prometido à Nação de Israel, como ela rejeitou a Salvação de Deus - versada na Mensagem do Evangelho do Reino Messiânico - oferecido com base no Novo Testamento (em Actos 2-4), então Deus, com base no mesmo Concerto, oferece a Salvação ao mundo - versada na Mensagem do Evangelho da Graça de Deus. Assim, a

presente Dispensação está baseada no Novo Pacto, porque nos encontramos em Cristo, por quem foi feito este Testamento.

O mesmo não poderá ser dito do baptismo na água, pois não há instrução directa nas Epístolas de Paulo para a Igreja "Corpo de Cristo". Consideramos, sim, que foi uma prática que resistiu no seio das igrejas à mudança dispensacional, mas não como verdade essencial dada para a Igreja da presente Época. Lamentavelmente, e ainda em vida, muitos já tinham abandonado a Paulo e aos seus ensinos, e tinham voltado ao judaísmo.

Muitos que rejeitam as dispensações são culpados do mesmo erro que os "Ultra' s" cometem. Os Ultra' s abandonam as práticas das igrejas locais mencionadas acima. Outros refutam a ideia das dispensações e fazem naufrágio da fé.

5. O Dispensacionalismo Está em Oposição ao Âmbito Global da Escritura

Para chegar a alguma conclusão sistemática sobre o plano eterno de Deus, nós temos que fazer algumas observações. Nós temos que considerar a estrutura da própria Bíblia primeiro. São as partes que fazem o todo. Nós acreditamos que a estrutura que J. Edwin Hartill elaborou nos seus "Princípios Bíblicos de Hermenêutica" (página 9) esclarecerá a importância da estrutura Bíblica. Embora esta estrutura possa não ser 100% precisa, não é artificial ou forçada.

Uma visão global da Bíblia será uma grande ajuda na sua compreensão.

História - a história de Deus no passado

1. Foram criados os céus e a terra.
2. A primeira rebelião de Satanás.
3. A terra preparada para o homem.
4. A queda do primeiro homem.
5. A sujeição do homem a Satanás.
6. A raça humana destruída.
7. A edificação da Babilónia.
8. Israel chamado e abençoado.
9. O Tempo dos Gentios.
10. A primeira vinda de Cristo.
11. O ministério terreno de Cristo e a sua morte.

12. A Igreja chamada.
12. A Igreja Terminada.
11. O ministério do anti-Cristo.
10. A segunda vinda de Cristo.
9. O Tempo dos Gentios - o íntimo de Tribulação.
8. Israel re-chamado e abençoado.
7. A destruição de Babilônia.
6. A raça humana julgada (julgamento das nações).
5. A sujeição de Satanás a Deus.
4. O Reino do Segundo Homem (Cristo).
3. A terra restaurada para o homem.
2. A rebelião final de Satanás.
1. Os novos céus e a nova terra.

O leitor notará que os números grifados correspondem aos números acima. Também, são vistos os procedimentos específicos de Deus em momentos claramente diferentes.

Há três coisas básicas que nos ajudam a entender as dispensações, quando estudamos as Escrituras. Elas são:

A. Fazer distinção entre Israel e a Igreja. A falta deste elemento ou uma deficiente destrição destas entidades só incapacitará o estudante das Escrituras em fazer divisões acertadas no estudo da Bíblia. A distinção entre Israel e a Igreja é tão clara quanto a distinção entre a igreja e as nações.

O crente nunca deveria ignorar esta distinção. Não "deis escândalo, nem aos judeus, nem aos gregos, nem à igreja de Deus" (I Coríntios 10:32). E, com base neste texto, é evidente uma clara diferença entre o judeu, o Corpo de Cristo e os Gentios.

B. O Dispensacionalismo baseia-se nos princípios literais da interpretação das Escrituras. Alguém disse que a espiritualização humana é impossível, porque não temos "olhos espirituais". O método mais perigoso de interpretação da Bíblia é a espiritualização de um texto ou fazer de tudo um tipo.

Ilustração: Deus prometeu a Adão e a Eva que teria uma Semente. E assim aconteceu. Noé foi advertido de uma inundação. E veio. À semente de Abraão foi

prometida uma terra. E eles receberam-na. A Moisés foi prometida a vitória de Israel no Egípto; e ela aconteceu. O Israel rebelde foi avisado da sua dispersão; e veio. Os profetas prometeram a Israel que Deus os faria voltar à sua terra. E Ele está realizando isto. O nascimento virginal de Cristo estava predito. E cumpriu-se. Foram profetizadas a morte, sepultura e ressurreição do Senhor Jesus Cristo. O que aconteceu. A destruição do templo e da nação de Israel foi profetizada. E assim aconteceu.

Se estas e outras centenas de profecias como elas eram literais, e provaram serem assim, porque é que o crente deveria pensar que a restante profecia é espiritualizada para ser aplicada à igreja? O cristão lavrará em erro se rejeitar a interpretação literal da Bíblia.

C. Os dispensacionalistas acreditam que o propósito de Deus é muito maior que a salvação da raça humana. O propósito de Deus centra-se na Sua glória. Agradeça a Deus pela cruz! Estava no propósito da cruz o entrarmos nas bênçãos de Deus. Porém, a cruz não é o centro ou o fim do plano de Deus.

A Bíblia fala muito sobre o Reino de Deus e do Seu Filho que reinará sobre tudo. Há um lugar para o judeu, para o gentio e para a igreja de Deus, no propósito eterno. Mas, já no tempo presente, estes "grupos" fazem parte da Igreja, o Corpo de Cristo.

Porém, foram e ainda serão salvos os judeus e os gentios que não fazem parte do presente corpo de Cristo. Haverá uma oportunidade no Reino Milenial de Cristo na terra. Durante aquele tempo será Israel a cabeça das nações e Jerusalém será o centro do governo. **"Levanta-te, resplandece, porque vem a tua luz, e a glória do SENHOR vai nascendo sobre ti; Porque eis que as trevas cobriram a terra, e a escuridão os povos; mas sobre ti o SENHOR virá surgindo, e a sua glória se verá sobre ti. E os gentios caminharão à tua luz, e os reis ao resplendor que te nasceu. Levanta em redor os teus olhos, e vê; todos estes já se ajuntaram, e vêm a ti; teus filhos virão de longe, e tuas filhas serão criadas ao teu lado. Então o verás, e serás iluminado, e o teu**

coração estremece e se alargará; porque a abundância do mar se tornará a ti, e as riquezas dos gentios virão a ti. A multidão de camelos te cobrirá, os dromedários de Midiã e Efá; todos virão de Sabá; ouro e incenso trarão, e publicarão os louvores do SENHOR. Todas as ovelhas de Quedar se congregarão a ti; os carneiros de Nebaiote te servirão; com agrado subirão ao meu altar, e eu glorificarei a casa da minha glória. Quem são estes que vêm voando como nuvens, e como pombas às suas janelas?" (Isa. 60:1-8).

Nós podemos denominar as dispensações com nomes diferentes; porém, a existência delas é óbvia a este escritor.

Uma mudança reconhecida ocorreu na queda de Adão e Eva. Eles foram privados de um ambiente perfeito e de companheirismo com Deus. E essa mudança continuou até ao dilúvio. Assim nós temos duas administrações diferentes pelo menos.

A seguinte mudança óbvia é a da chamada de Abraão até Moisés. Após isso a Lei foi efectivamente introduzida. Agora já temos quatro divisões. Só um "Adventista do Sétimo Dia" ou um judeu é que questionaria que a Lei terminou com a vinda de Cristo. Todos os crentes professos aceitam uma mudança em algum lugar durante o ministério de Jesus. Se uma mudança acontecesse, há pelo menos cinco administrações claramente definidas na Bíblia.

Os crentes podem não estar de acordo como a presente administração terminará, contudo todos acreditam que uma mudança radical acontecerá. A maioria acredita no reino milenial de Cristo na terra. Nesse caso, são identificadas seis economias diferentes.

Os leitores poderão encontrar mais divisões que as que listamos aqui; outros podem descortinar para menos. Não obstante, estas listagens existem.

O âmbito da Escritura é determinado pela sua estrutura e estas estruturas é que dão uma visão dispensacional acertada. As visões podem ser extremas ou podem moderar, mas nada menos que sete dispensações podem ser achadas no corpo das Escrituras.

6. O Dispensacionalismo Ignora o Povo de Deus.

A rejeição das dispensações é uma rejeição à Palavra de Deus? Alguns que ensinam as dispensações vão a extremos e isso deveria ser evitado.

Qualquer forma de dispensacionalismo que rejeita a instituição da igreja local, nomeadamente a ordem do culto, a liderança, os símbolos, véu e ceia do Senhor, é extremo e deve ser rejeitado. Porém, ignorar o ensino Bíblico sobre as dispensações é errar na direcção oposta. Paulo disse que a Dispensação do Evangelho da Graça de Deus foi-lhe confiada. (I Coríntios 9:17). Ele se refere à Dispensação presente e à futura da "Plenitude dos tempos" (Efésios 1:10), e disse que a Dispensação da Graça de Deus lhe tinha sido confiada para a divulgar (Idem, 3:2).

Assim, ignorar as dispensações das Escrituras torna impossível obedecer a II Timóteo 2:15, e força a pessoa a ignorar I Coríntios 10:32.

A prática de II Timóteo 2:15 requer para que o leitor procure as divisões da Bíblia e lhas obedeça. Uma divisão formal entre o Judeu, o Gentio e a Igreja de Deus, e um conhecimento do grupo no qual pertencem, deveria conduzir-nos a entender essas partes da Palavra de Deus como intencional para nós.

Então, o estudo dispensacional não pode ser ignorado por qualquer crente que espera estudar a Palavra de Deus. Porém, o Ultra-dispensacionalismo deve ser rejeitado.

7. O Dispensacionalismo é Perigoso Para a Igreja e para o Ministério.

Outra das objecções contra o ensino dispensacional é a convicção de que ele é perigoso para as igrejas. Esta objecção parece oportuna porque muitos ministérios são maltratados por questões dispensacionais. Isto acontece quando a pessoa vai além com as suas interpretações.

Um exemplo clássico disto é o ensino dos Baptistas Missionários. Este grupo levou a doutrina da igreja local ao extremo. Eles ensinam que a igreja local é a noiva de Cristo. Logo eles argumentam que a igreja local é a Igreja Baptista deles. A conclusão que tiram daí é que a Igreja Baptista é a noiva de Cristo, e, por

exclusão de partes, todas as outras igrejas são excluídas.

Certamente nós não rejeitaríamos a doutrina da igreja local só porque alguns Baptistas ou Católicos Romanos abusam no seu ensino. Embora o ensino deles seja sectário e divisionista, nós não devemos deixar o nosso zelo em relação à igreja local. Igualmente, há alguns que vão a extremos quanto ao ensino dispensacional, com radicalismos, cujos efeitos danifica a comunhão entre os crentes na igreja local. E, ainda, não devemos rejeitar as Escrituras só porque alguns abusam do seu ensino e da sua interpretação. Isso seria um mau dispensacionalismo.

A Bíblia fala algo muito importante, desde há séculos. O livro de Provérbios diz que a pessoa deveria comer mel porque é bom. E, depois, acrescenta: Come o que te basta, para que, porventura, não te venhas a fartar dele e o venhas a vomitar» (Provérbios 25:16). Aqui temos uma coisa boa que, quando abusamos dela, pode resultar em náusea. E o mesmo pode acontecer connosco em relação às Escrituras Sagradas em geral e às Dispensações em particular.

Visões extremas em qualquer doutrina são perigosas e devem ser evitadas. Exemplos disso pode ser o abuso do Calvinismo sobre o entendimento da soberania de Deus, ou a visão das "Igrejas de Cristo" quanto ao baptismo de água, que os conduziu a um falso plano de salvação, a visão extrema da Igreja Baptista Missionária feita por alguns, que os conduziu à visão de que só alguns baptistas é que constituem a noiva de Cristo, entre outros.

Igualmente, alguns outros (Bullinger, e outros) levam a doutrina do dispensacionalismo a um outro extremo. Hiper-dispensacionalistas normalmente é sinónimo de hiper-Calvinistas. Esta é uma combinação e ameaça mortal para qualquer igreja.

Uma igreja deve colocar acima de tudo os negócios do Pai, a salvação e o bem das almas, as missões, o estudo das Escrituras e a oração. Os santos deveriam manter o púlpito e as igrejas debaixo da convicção de pecado, da bênção das almas, da adoração e da segunda Vinda de Cristo. Não deixe de dividir correctamente a Palavra de Deus, pois isso o ajudará a compreender melhor a

vontade de Deus e a viver de forma que mais lhe agrada. Porém, devem evitar os extremos.

CONCLUSÃO

O estimado leitor não deve negligenciar o importante estudo das dispensações. A Bíblia ensina claramente a existência delas. História da Igreja revela que os Pais desde cedo acreditavam em administrações diferentes e em economias distintas das Escrituras e esta convicção não tem uma data recente.

O ensino dispensacional não conduz a pessoa à conclusão de que outras partes da Bíblia são mais ou menos importantes que outras, ou com menos inspiração. O dispensacionalismo não deve ser ignorado pelo Povo de Deus, nem ser usado para criar instabilidade nas igreja locais, pelo que, devem ser evitados extremos.

A igreja local é convidada a usar os símbolos deixados pelo Senhor: o Véu, o Pão e o Vinho (I Cor. 11), por causa dos anjos. Nós cremos que a bênção das almas, o envio de missionários a todo o mundo com o Evangelho de Deus é a função principal da Igreja. Nós devemos alimentar o rebanho de Deus, edificarmos os Santos e orarmos com a Palavra de Deus. Porém, o único modo correcto e Bíblico de o fazer é dividir a Palavra de Verdade correctamente. A obediência daquela instrução conduz o crente a crer e a ensinar as Dispensações.

Corrigido e adaptado por
vpp

“ULTRADISPENSACIONALISMO PRÁTICO”

Nunca encontrei ninguém que admitisse ser ultra-dispensacionista. Nunca ouvi nem nunca li uma definição satisfatória de ultra-dispensacionalismo. Sei que a palavra tem um sinónimo, “hiper-dispensacionalismo”, e que o propagandista que delira em fazer uso da técnica efectiva do nome pode ter a sua escolha no prefixo grego “hyper”, ou no latino “ultra” para o atirar às suas vítimas. Estou ciente de que tais termos são espalhados promiscuamente por ensinadores Bíblicos que se situam em círculos conservadores, e são papagueados por milhares que simplesmente procuram posição entre os Fundamentalistas. Usualmente, um ultra-dispensacionista é uma pessoa cujo sistema de interpretação dispensacional da Bíblia vai para além do nosso. Certamente que é esse o significado do prefixo “ultra”- além de. Se o leitor é um dispensacionista, e o seu irmão dispensacionista vai para além, na sua interpretação dispensacional, do seu ponto de vista histórico, ou Escriturístico, naturalmente que ele é um ultra-dispensacionista!

Mas gostaria de chamar a atenção para um outro ULTRADISPENSACIONALISMO, talvez mais fatal, que nos pode comprometer, e no qual podemos cair se não tivermos cuidado. Gosto de pensar nessa forma de ultra-dispensacionalismo como ULTRADISPENSACIONALISMO PRÁTICO, para o contrastar do doutrinal. Garanto-lhe que se nos tornarmos culpados de qualquer das seguintes práticas, somos ultra no nosso ultra-dispensacionalismo, isto é, vamos para além das Escrituras. O Ultra-dispensacionalismo Prático!

I. FAZ DO SEU DISPENSACIONALISMO UMA SEITA: isto é, recusa comunhão com todo o crente que não concorda com ele em todas as facetas do seu ensino acerca da divisão correcta da

Palavra. Não há muito tempo, uma senhora veio a nossa casa para saber do horário das nossas reuniões. Ela era dispensacionalista nas suas crenças, era dispensacional ao nível da interpretação de Scofield-Darby, e pertence a um grupo de igrejas fundamentalistas independentes, mas em comunhão. Quando ela descobriu que não estávamos filiados na sua organização e seu sistema de dispensacionalismo, afastou-se e não quis assistir às nossas reuniões, mesmo apesar de a termos certificado da sanidade do nosso ensino e de que era bem-vinda às nossas reuniões. Embora o dispensacionalismo desta senhora iniciasse o corpo de Cristo em Pentecostes em Actos 2, ela não era tão ultra a respeito da sua organização e seu sistema de interpretação que não podia ver as muitas, muitas coisas que tínhamos em comum e a doce comunhão que poderíamos ter gozado.

Para sermos honestos, temos que admitir que alguns dos grupos mais sectários que temos encontrado são dispensacionalistas que se orgulham no facto do seu não sectarismo. Muitos dos que se gloriam em ser “Cristãos não sectários” são tão estreitos no seu dispensacionalismo que excomungam qualquer crente que se desvie minimamente das suas normas.

II. MUTILA AS ESCRITURAS COM O SEU DISPENSACIONALISMO: Inimigos da divisão correcta da Palavra têm-nos muitas vezes acusado de tomarmos apenas uma porção da mesma e pormos de parte o resto. Um fundamentalista bem conhecido que tem ruidosamente condenado o estudo dispensacional da Bíblia costumava dizer que nós apenas tomávamos uma fatia de pão da Palavra de Deus, enquanto que ele tomava o pão inteiro. É claro que ele era inconsciente, ao clamar, como clamava, a pregação da “Grande Comissão” de Marcos 16, e ao mesmo tempo atacar com toda a sua força os “pregadores de cura” que tentavam levar a cabo o programa de sinais da sua comissão. Porém, a outra face do quadro é que alguns têm sido culpados de pregarem o mistério e outras verdades Paulinas negligenciando ou ignorando o resto da Bíblia. O erro não jaz na pregação das grandes verdades das epístolas de Paulo;

jaz no fracasso em apresentar uma mensagem equilibrada em deixar a aparência de desrespeito ou de desprezo do resto do livro. A revelação da verdade a respeito do Corpo de Cristo carece do fundo dos evangelhos; os evangelhos não seriam inteligíveis sem a lei, os salmos, e os profetas. Necessitamos de todo o Livro. Não nos tornemos tão ultra na nossa ênfase sobre dispensacionalismo (onde quer que vejamos a fronteira) que negligenciemos o resto da palavra.

III. PERDE A DOÇURA DAS APLICAÇÕES ESPIRITUAIS: Intimamente associada à negligência de partes da Palavra de Deus, com exceção das Epístolas de Paulo, está a falha em se fazerem aplicações espirituais de porções da Palavra de Deus que pertenciam a outros grupos ou a outras Dispensações, por interpretação. O Dr.º E.W. Bullinger, cujo nome é muitas vezes sinónimo de ultra-dispensacionalismo, disse no seu excelente livro HOW TO ENJOY DE BIBLE (Como gozar a Bíblia): “Toda a doçura, toda a bênção, toda a verdade, podem ser obtidas por meio de uma sábia aplicação, sem que minimamente se prejudique a verdadeira interpretação. Esta pode ser deixada e preservada na sua integridade, e ainda assim e apesar disso, algo realmente espiritual pode ser apropriado por meio de aplicações, na realidade tudo o que se pode desejar, sem se violentar minimamente a Palavra de Deus ...” Penso que foi o Dr. Henry Grube que chamou a atenção para o facto de I Cor. 10:11 autorizar quatro tipos de estudos Bíblicos: “Ora, tudo isto lhes sobreveio”- Posso estudar qualquer parte da Bíblia como sendo literalmente verdadeiro, pois tudo isto sobreveio ou aconteceu; “como figuras” (Gr. Tupos, TIPOS)”- Posso estudar a Bíblia por tipos e sombras; “e estão escritas para aviso nosso”- Posso estudar a Bíblia por meio de aplicações espirituais; “para quem já são chegados os fins dos séculos” – Posso estudar a Bíblia distinguindo os séculos, ou Dispensações. Certamente que alguns dos eleitos entre os chamados “Irmãos” têm prestado ao Corpo de Cristo um grande serviço por intermédio dos seus estudos detalhados, muitos deles ainda publicados, com aplicações espirituais em verdades do Velho Testamento. Quem entre nós não se tem regozijado com C.H.

Mackintosh nos seus muitos estudos em tipos e sombras? Se nos tornarmos tão dispensacionalistas que rejeitemos a doçura destas grandes verdades em tipo e sombras somos ULTRA.

IV. MANIFESTA O ESPÍRITO DO CRITICISMO-CONTÍNUO. Pela Graça de Deus, penso que a maioria de nós tem crescido nisto, mas quem não se lembra do tempo quando um crente fosse novo na verdade dispensacional ter quase receio de abrir a sua boca entre os crentes idóneos por temer ser criticado pela sua escolha de palavras, de hinos, etc.? Nós não ousávamo-nos referirmo-nos ao “Velho Testamento” ou ao “Novo Testamento” sem fazermos uma dissertação sobre precisamente quando os Velho e o Novo testamentos iniciaram. Não ousávamos usar as palavras “Natal” ou “Páscoa” que receio de que alguém pensasse que estivemos a “observar dias”. Era uma heresia cantar “Nos Passos da Luz”, porque certamente não estávamos a “tentar andar nos passos do Salvador”. No nosso zelo para realçar o facto de que o nosso Jesus Cristo era um Judeu segundo a carne nascido de mulher, nascido sob a lei, vivendo em terreno do Velho Testamento, e vindo a morrer pelos nossos pecados, não nos mostrando o caminho, mas tornando-se Ele mesmo O CAMINHO, esquecemos uma outra faceta do quadro. Apesar de não seguirmos o Senhor na sua religião Judaica, com os seus sábados e cerimónias, nós devemos ter “o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus”. Relativamente à Sua humildade, benignidade, graciosidade e amor devemos-nos lembrar que Ele deixou um exemplo, para que seguíssemos as Suas pisadas – não para sermos salvos, mas porque Ele vive em nós. No nosso zelo em “não O conhecer mais segundo a carne”, podemos por mesmo uma pedra de tropeço, na senda de crentes fracos que nem sequer sabem do que estamos a falar. Se a nossa vida é um modelo de crítica àqueles que não falam o que veio a ser a “gíria dispensacional”, somos ULTRA.

Esta mensagem não é um apelo para se minimizar ou se descolorir a preciosa verdade da divisão correcta da Bíblia; não visa desencorajar quem quer que seja da proclamação da Dispensação do

mistério. Certamente que poucos estão a fazer o necessário e o suficiente para que estas ricas verdades se tornem conhecidas. Mas estou convencido que algumas vezes Satanás usa os amigos do dispensacionalismo para serem o seu maior obstáculo. Esta verdade que nos foi levada pelo Cristo ressuscitado, por intermédio do Apóstolo Paulo, visa salientar a UNIDADE do Espírito, a unidade de todos os crentes em Cristo, mas a manifestação da nossa depravação, parcialmente por intermédio destas formas de ultra-dispensacionalismo, têm-se tornado numa fonte de divisão. Um homem de Deus do qual tenho ouvido muito falar e cujo Espírito tem sido para mim uma inspiração, mesmo apesar de não ter nunca tido o privilégio de o ver face a face foi o irmão Elmer Leake, pai do irmão Paul Lake. Diz-se que ele dizia: “Irmãos, se um muro de separação ou de sectarismo for edificado entre nós e quaisquer outros crentes, que sejam eles e não nós a edificá-lo”. Por outras palavras, este querido irmão amava todos os crentes e desejava a comunhão com todos por meio do Nosso Senhor Jesus Cristo. O irmão C.R. Stam escreveu certa ocasião, “ Nós esperamos pelo dia, quando pela Graça de Deus, os muros denominacionais caírem e todos nós pudermos gozar a nossa unidade em Cristo. Entretanto podemos ter aquela comunhão com os que amam e confiam no Senhor em verdade, qualquer que seja a sua filiação denominacional”. Esta declaração foi o clímax de um artigo que este irmão escreveu sobre “Os Efeitos Práticos do Mistério”, no qual ele apresentou uma mensagem impressionante, e claramente dividida sobre a preciosidade da pregação de Jesus Cristo segundo a revelação do mistério e mostrou os efeitos práticos que esta mensagem deveria ter nas nossas vidas. Quando nos preocupamos com a letra que perdemos o espírito, ou quando nos tornamos tão preocupados com detalhes tão minuciosos do dispensacionalismo que perdemos a realização da nossa Unidade em Cristo- temo-nos tornado ULTRA.

Robert B. Shiflet

POSIÇÃO ADOPTADA

Temos a consciência que há muito a escrever e a dizer sobre a Verdade Dispensacional, e em particular do Plano de Deus para a Igreja da presente Dispensação, chamada por Deus "Corpo de Cristo".

Também, estamos convictos de que temos muito de crescer, *"até à medida da estatura completa de Cristo"* (Efé. 4:12-13), e que podemos e devemos aprender muito com outros irmãos sinceros e que amam a Palavra de Deus, mesmo daqueles que têm convicções Bíblicas diferentes das nossas.

Acima de tudo, consideramos que nada deve interferir na nossa comunhão com Deus e com os nossos irmãos espirituais. Somos uma família. Cristo deu a Sua vida para sermos uma família. E, sendo a sua morte o facto histórico mais importante da Igreja e do mundo, será que algum acto deve se interpor nessa gloriosa obra? E que será daquele que pretende criar divisões entre a família de Deus? Eu estou certo que não são as nossas convicções doutrinárias que dividem os crentes, mas o nosso coração e a nossa conduta. E não tenho dúvidas que os contenciosos não têm nada de espiritual, mesmo que demonstrem muito zelo pelo povo de Deus. Não estamos debaixo da Lei para apedrejar os nossos irmãos, mas sob a Graça, para os amar.

E dizemos isto por amor àqueles que divergem das nossas convicções doutrinárias. Nem somos maiores, nem menores: somos um em Cristo.

No entanto, e independentemente do afecto que devemos ter por todos os crentes, sabemos que muitos encontram-se aquém do conhecimento que deveriam ter do "Mistério", que é a revelação de Deus para a Igreja da presente Época. Ou seja, o "Mistério", embora tenha sido suficientemente revelado por Deus, de modo que todos o podem entender, à medida que lêem as Epístolas de Paulo (Efé. 3:4), para muitos ainda continua a ser um mistério, ou segredo oculto aos tais por desconhecerem as suas sublimes verdades.

Depois de toda a exposição feita sobre as diversas ideias do dispensacionalismo, resta-nos apresentar a nossa posição relativamente a este assunto. No entanto, como já temos desenvolvido amplamente este tema no "Eclesi'astes", e pretendemos continuar a desenvolvê-lo nos próximos números, limitamo-nos a apresentá-lo de forma resumida e sucinta.

Estamos conscientes, diante de Deus e dos homens, que a posição que assumimos é a mais fidedigna, que melhor se ajusta ao texto sagrado e literal de Deus, e que não conflutua com qualquer porção das *demais escrituras*, para usar a linguagem do apóstolo Pedro (II Pedro 3:15); pelo contrário, é este entendimento de Deus que melhor responde a todas as questões que a cristandade e os pagãos têm levantado acerca da Verdade de Deus, como é a única porta de Deus para o entendimento de toda a Sua Palavra. Achamos que a

concepção tradicional do dispensacionalismo ainda se encontra sob a influência do catolicismo romano; os ensinadores que adoptam essa doutrina estagnaram no estudo das Escrituras, presumindo que já atingiram o limite da Verdade e que não há mais nada a aprender dela. Os ultra-dispensacionalistas vão a extremos, procurando encontrar uma explicação racional para aquilo que é espiritual, indo além do que está escrito. Nós, pelo contrário, estamos conscientes que temos muito a aprender, que precisamos da graça e da sabedoria de Deus para O conhecer mais e melhor, através da Sua Palavra e por intermédio de outros santos que amam e estudam o Texto Sagrado.

Não obstante isso, tomamos o exemplo dos crentes de Bereia (Actos 17:10-12), investigando diariamente as Escrituras se o que sabemos e ouvimos está em conformidade com o que Deus diz e se faz parte do Seu Plano para a Igreja do "Mistério", à qual nós pertencemos.

Congratulamo-nos em Deus, ainda, pelo facto desta verdade dispensacional do "Mistério" estar a ser divulgada e conhecida com algum êxito, como um verdadeiro movimento do Espírito de Deus no meio da cristandade, chamado por alguns de "Movimento da Graça". E que este movimento invada o nosso país e as nossas igrejas locais, pois como nada que se lhe compare este ensino engrandece a Deus na "glória da Sua Graça" (Efé. 1:6), grande propósito desta Dispensação – a Dispensação da Graça de Deus (Idem, 3:3).

Vejamos alguns pontos em que acreditamos:

1. A Igreja "Corpo de Cristo", que é a Igreja da presente Dispensação, não é a Igreja Messiânica. A Igreja da presente Dispensação é espiritual e a sua vocação celestial (Efé. 1:3; Heb. 3:1). A Igreja Messiânica é a Igreja profética, de que os profetas falaram (Sal. 118:22), de que O Senhor falou no seu ministério terreno (Mat. 18:17), sendo uma Igreja visível, composta de Judeus e prosélitos (gentios convertidos ao judaísmo) (Actos 2:14,39; 3:24-26; 11:19), e a sua vocação é terrena (Actos 4:32; 7:38; Mat. 16:18; 18:18). Esta Igreja verá a sua concretização no Reino Milenial de Cristo na terra.

2. O Apostolado de Paulo é distinto do Apostolado dos Doze. Ou seja: os Doze apóstolos pertencem a Israel e fazem parte do Plano de Deus para o Reino Milenial. Foram chamados pelo Senhor no Seu ministério terreno e eles se assentarão nos doze tronos de Israel (Mat. 10:1-4; 5-6; 19:28). Paulo é o Apóstolo dos Gentios (Rom. 11:13), sendo a sua chamada exclusiva por causa do Plano de Deus para a Sua Igreja "Corpo de Cristo" (Tito 1:1-4; Rom. 1:1). Ele foi chamado pelo Senhor glorificado (Act. 9; II Cor. 5:16; Gál. 1:15-17), que lhe deu a responsabilidade de divulgar as "normas" da presente "Casa de Deus" – a Sua Igreja (Efé. 3:1-11).

3. O Reino de Cristo na Terra faz parte da Profecia (de Génesis ao Apocalipse, com exclusão do ensino de Paulo para a Igreja actual), que culminará com a vinda de Cristo para Reinar. Nisso falaram todos os profetas e

esperavam todos os patriarcas de Israel (Isa. 2). O grupo de crentes nos quais se vai concretizar este propósito é o remanescente de Israel (Isa. 10:22; Apo. 12:17), porque nem todo o que é de Israel é israelita: e só o remanescente é que será salvo (Rom. 9). Este grupo é a Igreja (os chamados) do Reino Terreno. Mas, o tema do "Mistério" (ou "Segredo", para contrastar com a "Profecia" ou revelação) é a Igreja "Corpo de Cristo". O grupo que faz parte desta Igreja serão conduzidos aos lugares celestiais, onde estão desde o dia em que creram, quando foram selados pelo Espírito Santo no Corpo de Cristo – em Cristo nos lugares celestiais. (Efé. 1:13; 2:6).

4. Actos 2 não é o início de Igreja nenhuma. Como o texto diz (e só nos devemos limitar ao que o texto diz), Actos 2 é o cumprimento da Profecia, quanto aos momentos que antecederiam a vinda do Senhor para reinar (a volta do Senhor), mas que foi suspenso porque, entretanto, Deus iniciou com o Programa do "Mistério" – a Igreja Celestial. Poderia ser, eventualmente, o início da Igreja Messiânica, já que estava enquadrada na Profecia (Sal. 118:22). Mas ela já existia em Mateus 16 e Mateus 18. Quando O Senhor disse a Pedro: ***"Edificarei a minha Igreja"*** (Mateus 16:18), não queria dizer que ela não existisse. Há algumas divergências quanto ao tempo do verbo usado no grego. Mas, sem pretender especular, não deixo de citar dois textos, que ilustram o intuito desta expressão do Senhor, e onde o mesmo verbo (*(oikodomeō)*) é empregue, e na mesma pessoa, tempo e modo. Uma é Lucas 12:18, que diz: ***"derribarei os meus celeiros e edificarei outros maiores"***; a outra

é João 2:19 e 20, que diz: ***“Derribai este templo, e em três dias o levantarei (gr. “egeirō”). (...) Em quarenta anos foi edificado (oikodomeō)”***. Ou seja: o facto de ser construído o edifício não quer dizer que ele não existisse já. O que O Senhor pretendia dizer é que ele seria concluído na convicção do que Pedro afirmou: crer que Jesus era o Messias profetizado, o Filho de Deus. Era nesta Rocha que a Igreja do Reino assentaria, cuja chave tinha sido dada a Pedro. Não podemos desligar o versículo 18 do versículo 19: esta igreja e o Reino dos céus. A ideia que transmite, repito, é que O Senhor a edificaria, a concluiria, a tornava estável e firme, segura e protegida, até contra as portas da morte (hades). Não haveria morte nesta Igreja. A Igreja de Mateus 18 não é diferente, pois O Senhor repete tudo o que disse a Pedro, quanto à sua autoridade de representar o Messias, como já se encontrassem nos tronos: ***“tudo o que ligares na terra será ligado no céu”*** (16:19) e ***“tudo o que ligardes na terra será ligado no céu”*** (18:18). Certamente que só os católicos romanos é que acreditam que aqui se trata da igreja actual, mas só para defender a sua doutrina errónea da confissão. Esta é, porque assim viverá, a Igreja do Reino Messiânico.

O Início da Igreja “Corpo de Cristo” apontamos para o salvamento de Deus a Paulo (Actos 9). Ele era o líder da rebelião – representando o fim do desvio de Israel quando pediu um rei, com Saul (Saulo em grego – I Sam. 8-10). Ele representava o anti-Cristo, que se opunha a Jesus e ao Seu Povo de Israel, de acordo com os profetas. Saulo era Judeu e Romano (gentio), e a sua salvação representava um exemplo do que Deus ia fazer

depois dele: não julgar o mundo, no seguimento da mensagem de Pedro no Pentecostes – com a Grande Tribulação – mas ia suspender a profecia e oferecer graça e paz ao mundo em rebelião. Saulo é salvo fora de Jerusalém, para indicar que, a partir daquele momento a salvação não dependia dos Judeus, mas por causa da sua rejeição é que essa salvação seria enviada ao mundo, como aconteceu. João descreve que O Senhor, na Sua vinda, virá para Julgar e Reinar: ***“Ele julga e peleja com justiça”*** (Apo. 19:11), mas, antes que esse momento chegasse, deliberou no seu propósito eterno oferecer ao mundo ***“graça e paz”*** (Efé. 1:2 – exatamente o contrário), como tem expresso em todas as Epístolas de Paulo (II Ped. 3:14-16). E Paulo foi um exemplo disso: o primeiro a ser assim salvo para exemplo dos que depois dele haveriam de crer, como ele próprio escreveu: ***“Esta é uma palavra fiel e digna de toda a aceitação, que Cristo veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro (assim o grego). Mas, por isso, alcancei misericórdia, para que em mim, que sou o primeiro, Jesus Cristo mostrasse toda a sua longanimidade, para exemplo dos que haveriam de crer n’ Ele para a vida eterna”*** (I Tim. 1:15-16).

5. A Igreja do Reino está revestida de cerimonialismo e ritualismo, nomeadamente quanto à purificação das almas, desde o seu nascimento com a circuncisão, apresentação, sacrifícios, baptismo na água para perdão de pecados, ofertas pacíficas, diversas lavagens, comidas, roupas, entre outras coisas. A salvação das almas nesse

Período eram na mesma pela fé, mas eles a expressavam pelas obras da lei. Era fazendo aquilo que Deus via a sua fé e as salvava. Assim aconteceu com Abel, com Abraão, com Raabe, com Davi, entre outros exemplos claros narrados nas Escrituras. Era uma fé que se expressava pelas obras que faziam. Mas, a Igreja da Graça está despida de qualquer ritualismo ou formalismo. A graça salva, ensina a viver e está para se manifestar na sua salvação plena com o arrebatamento. A fé é expressa sem quaisquer obras: é um dom de Deus (Efé. 2:8). Agora a salvação das almas é baseada na mensagem da longanimidade de Deus, conforme o Irmão Paulo ensinou (II Ped. 3:14-16), pelo que devemos ***“deixar os rudimentos das doutrinas messiânicas”*** que caracterizaram a mensagem do Reino (Heb. 6:1-4). O Senhor deixou-nos quatro símbolos (segundo alguns, dois ou quatro), mas para nos lembrarmos dele: Os únicos símbolos são o “véu” e a “mesa do Senhor”, com o pão e o vinho, para nos lembrarmos da Sua autoridade (véu), da comunhão da Igreja com Cristo, pela Sua Pessoa e Corpo (Cristo e a Igreja – o pão) e da Sua Obra (o sangue). Todos eles estão em I Coríntios 10 e 11.

6. A Igreja Messiânica, de acordo com a mensagem do Reino, aguardava a prosperidade humana, material e política. A Igreja “Corpo de Cristo”, de acordo com a “Revelação do Mistério” nada espera deste mundo, senão aflições (Col. 1:24; II Tim. 3:12). A nossa cidade está nos céus (Fil. 3:19-21). Todas as nossas bênçãos e propósitos estão nos lugares celestiais (Efé. 1:3; 2:6-7).

7. O Livro de Actos dos Apóstolos corresponde ao período transitório. Começa em Jerusalém e termina em Roma, o que é sintomático do propósito que Deus tinha em desviar o Seu Programa para o mundo de Israel para os Gentios. Até então o mundo seria abençoado pela salvação de Israel. E assim acontecerá no Reino Milenial, com Cristo. Mas, agora, está a ser salvo pela sua rejeição (Rom. 11). Actos inicia com os Doze, porque se centra no seu ministério para Israel, e termina com o apostolado de Paulo entre os gentios. Actos 1 só temos Reino Messiânico; Actos 28 temos o Reino completamente rejeitado e só vemos graça.

Com isto queremos insinuar que não podemos ver a Igreja "Corpo de Cristo", a Igreja à qual pertencemos nesta Dispensação da Graça antes da salvação de Paulo. E aqui Paulo não é importante, mas sim a nova atitude graciosa de Deus, em não condenar o pior dos inimigos, mas salvá-lo. Isto é a demonstração das "Riquezas da Sua Graça" (Efé. 2:7). E, assim, não podemos ver a Igreja actual com as características de Pentecostes, porque a Igreja da Graça não é pentecostal, mas gentilíca. O carácter da Igreja Messiânica, a sua vocação, a sua vida, os seus sinais e a sua esperança, expressas em Actos 2-6, como os dons sinais em todos os crentes (que eram *"os sinais em baixo na terra"*, segundo o sermão de Pedro), *"os sinais em cima nos céus"* (conforme Apo. 5-19), o ler os espíritos, como Pedro fazia, a vida em comum, o baptizar para perdão de pecados, o condicionar a vinda do Senhor à aceitação de Israel eram circunstâncias que nada têm a ver com a Igreja de Hoje. Não nos deixemos enganar por aqueles

que ensinam essas coisas, por crerem erradamente que ali temos a nossa Igreja, por não compreenderem correctamente o Plano Dispensacional.

8. Os dons sinais. Tais dons não fazem parte do Plano de Deus para a Igreja, hoje. O dons miraculosos foram sempre usados como testemunhos de Deus nos períodos de fraqueza de Israel. E sempre foram usados por Deus para Israel. ***“Eles pedem sinal”*** (I Cor. 1:22). E assim aconteceu com Israel no Egito: Moisés fazia sinais para mostrar ao povo que era o enviado de Deus. Aconteceu com Elias e Eliseu, quando o povo se tinha desviado de Deus, para provar ao povo a veracidade da sua palavra. Assim aconteceu com o nosso Senhor Jesus Cristo, que fez muitos sinais que eram evidências do seu messianismo. E com esse propósito os doze apóstolos fizeram sinais quando foram enviados em Mateus 10. Depois do Senhor ter ressuscitado os doze continuaram a fazer milagres para provar que o Ele tinha ressuscitado. Mas, logo que o Programa de Deus foi suspenso com a introdução da Dispensação da Graça, esses sinais terminaram. Eram sinais que caracterizavam toda a Igreja Messiânica, como O Senhor tinha dito: ***“Estes sinais seguirão aos que crêem”*** (Mar. 16).

Mas, mais tarde, no caso de Paulo e de algumas igrejas da Graça, embora o propósito fosse o mesmo: de provar aos judeus algo de Deus, a sua natureza era outra: Os sinais em Paulo era para provar o seu Apostolado (Rom. 11:13; II Cor. 12:12) uma vez que ele era perseguidor da igreja de então e agora viam-no a pregar e com uma mensagem totalmente diferente, era

de suspeitar e rejeitar. No entanto, isso não só foi confirmado por Deus (Actos 13:2), como pelos demais apóstolos (Actos 15 e Gál. 2:7-9). E, no caso das Igrejas de Corinto (I Cor. 12-14) e da Galácia (Gál. 3:5), os sinais era privilégio só de alguns, aquele a quem o Espírito Santo dava os dons, até à ***“vinda daquilo que era perfeito”*** (I Cor. 13:10), ou seja, até que a Revelação da Graça ficasse completa. E era compreensível, uma vez que novas almas se convertiam e viviam com uma vida diferente da dos Judeus (sem a Lei, mas com a Lei de Cristo – I Cor. 9), e com uma forma de culto diferente, e segundo regras diferentes, com que autoridade o estavam a fazer, e quem lhes deu tais instruções? Ora, como ainda não havia Escritura em texto, só por profecia, os dons sinais vinham provar que estas igrejas eram genuínas, mas obedeciam a uma nova ordem: a Graça. Depois que a Revelação foi concluída, e Pedro deu disso testemunho (II Ped. 3:14-16), estes dons terminaram. Nem os apóstolos puderam continuar a fazer milagres.

9. O início da Igreja foi um mistério. O seu fim também o será, com o arrebatamento (I Cor. 15:52-58). O arrebatamento nada tem a ver com as ressurreições dos crentes do Velho Testamento, e que estava prevista nos profetas. Essa ainda acontecerá antes do Milénio. É a primeira Ressurreição (Apo. 20).

10. A Grande Tribulação faz parte do Programa Profético. E, como tal, não pertence ao Programa de Deus para a Sua Igreja Celestial. Deus ***“nos livra da ira futura”*** (I Tes. 1:9-10). Dessa forma, ela não passará

pela Grande Tribulação. Pelo contrário: a Grande Tribulação só terá início depois de se dar o arrebatamento. Paulo também disse que o “Dia do Senhor não viria sem que antes se dessa a apostasia (gr. literalmente, a partida... da igreja).

11. O arrebatamento é ensino exclusivo da Igreja “Corpo de Cristo”. Faz parte do “Mistério”. Por isso, só os membros do “Corpo de Cristo” é que serão arrebatados. A ressurreição dos crentes do Velho Testamento e os do Novo Testamento, mas que morreram depois do arrebatamento, só se dará no fim da Grande Tribulação, ou seja, antes do Milénio (Apo. 20). Essa é a primeira ressurreição, pois a segunda será a dos perdidos para o julgamento da condenação eterna. Antes disso (do Milénio), ocorrerá o Julgamento das Nações e dos crentes do Reino (os servos vigilantes... Mateus 13:24-30; 20:1-16; 25:1-30).

12. O Milénio é o tema das Profecias do Velho Testamento – o Reino de Cristo na terra. Mas, a glória celestial é o tema do “Mistério”, e refere-se à obra de Deus na Igreja “Corpo de Cristo” (Heb. 3:1).

13. Depois do Milénio haverá a ressurreição dos perdidos – a segunda ressurreição – para a condenação no Grande Trono Branco, onde serão lançados no Lago de fogo e enxofre (Apo. 20).

14. Toda a Escritura é proveitosa e útil. No entanto, nem toda deve ser literalmente obedecida, como

o foi noutros tempos e quando dirigida a outras pessoas e povos. Já nos referimos a isso em artigos anteriores desta revista. Génesis 12, por exemplo, não deve ser tomado à letra como se dirigido para nós. No entanto, tem preciosos ensinamentos para todos os santos e em todas as Épocas. Ou melhor: o ensino exclusivo da Igreja encontra-se nas Epístolas de Paulo, pois foi para ela que aquelas foram dirigidas, e é dela que elas falam.

Estes são alguns pontos essenciais do que cremos ser a Palavra de Deus vista numa perspectiva dispensacional.

Resta-nos orar para que Deus, segundo as riquezas da sua glória (Efé. 3:15-20), nos ajude a vivermos segundo a vocação com que fomos chamados (Idem, 1:16-20), e O glorifiquemos, demos fruto, e tudo o mais para Ele, como Ele é digno (Col. 1:9-12).

VPP

Colaboradores:

PDF, ASC, SL, VPP e outros.

© **Copyrights:** Não há. São autorizadas as referências, citações e divulgação da revista e dos artigos nela publicados, desde que seja citada a fonte.

Todos os artigos são da responsabilidade da "Igreja" que se reúne em Oleiros.

Redactor:

Vitor Pereira do Paço

Correspondência a enviar para:

Eclesi' Astes

Apartado 135

4501 Anta ESPINHO Códex

Local na Internet:

www.eclesiastes.pt

Net-endereço:

eclesiastes@eclesiastes.pt

EDIÇÕES DA RESPONSABILIDADE DA

I G R E J A

QUE SE REUNE EM OLEIROS

RUA DO FIAL, N.º 101

4539 OLEIROS (SMF)

PORTUGAL (UE)

Lê e divulga a Palavra de Deus... e Eclesi' Astes...